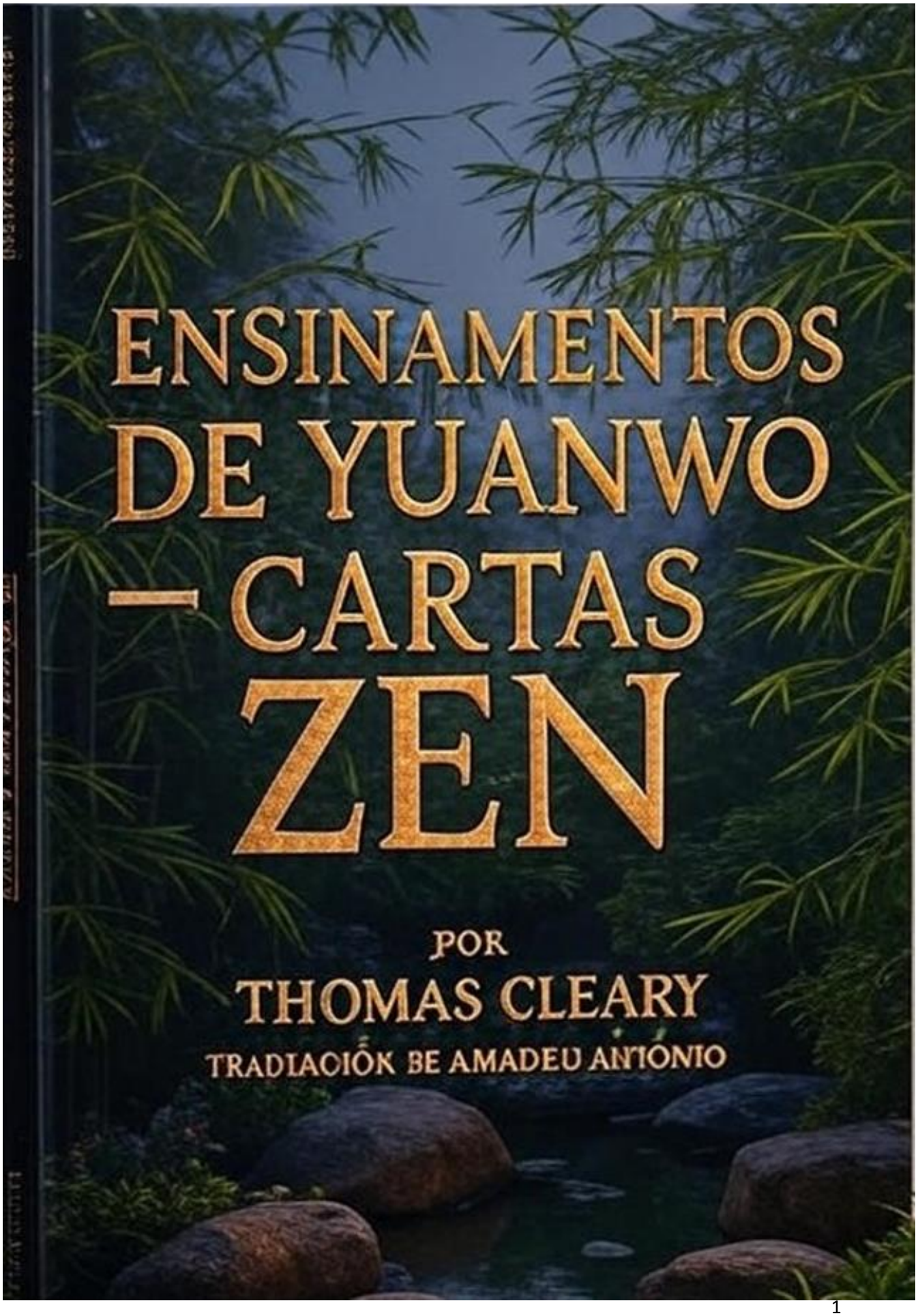
ENSINAMENTOS
DE YUANWO
— CARTAS
ZEN
POR
THOMAS CLEARY
TRADIACIÓK BE AMADEU ANTONIO

Introdução dos Tradutores

Estas cartas foram escritas pelo mestre Zen conhecido como Yuanwu para vários amigos, discípulos e conhecidos—para mulheres e homens, para pessoas com famílias e vidas mundanas bem como para monges e monjas, para praticantes avançados assim como para iniciantes em busca do caminho.

Yuanwu é mais conhecido como o autor do mais famoso livro Zen, o *Registo do Penhasco Azul*, uma coletânea de casos de meditação com comentários em prosa e verso. O **Registo do Penhasco Azul** é uma teia intricada da tradição Zen com subtilezas intermináveis. Aqui, nestas cartas, Yuanwu transmite a mensagem do Zen de uma forma mais acessível, em lições diretas de pessoa para pessoa. Yuanwu foi um porta-voz público de uma tradição de sabedoria que ele via como descendente de tempos imemoriais.

Na tradição Zen de Yuanwu, o homem geralmente considerado o fundador histórico do Budismo era visto como apenas um buda numa longa linhagem de iluminados que se estendia para trás, para antes da história como a conhecemos. Na verdade, os textos budistas Mahayana falam regularmente de "todos os budas do passado, presente e futuro". Sutras Mahayana como a *Escritura da Guirlanda de Flores* descrevem um vasto processo universal de ensino iluminador a acontecer em todos os mundos, em todos os tempos, através de uma variedade infinita de formas.

Os iluminados apareciam no mundo como mestres para alertar as pessoas para o facto insuspeitado de que todos nós possuímos um potencial inerente para uma sabedoria objetiva e uma compaixão desinteressada chamada natureza-buda. Estes mestres tinham a intenção de nos permitir tomar consciência da nossa natureza-buda e passar a utilizá-la na nossa vida quotidiana.

O Budismo Zen, como todos os outros ramos do Budismo Mahayana, sustenta que é o verdadeiro destino de cada pessoa atingir a iluminação. Da perspetiva do Budismo Zen, fidelidades emocionais, dogmas, rituais mecânicos, carreirismo clerical e instituições sectárias devem ser vistos como inimigos da verdadeira religião.

A verdadeira religião é, por natureza, multiforme; consiste em quaisquer práticas, técnicas e perspetivas que sejam eficazes em despertar as pessoas de determinados tempos e lugares e em restaurar a sua consciência da realidade-em-si, uma realidade absoluta que contém todas as realidades relativas, sem que fiquem presas a nenhuma dessas perspetivas limitadas. Nenhuma técnica particular é venerada como panaceia; todas as técnicas não

passam de meios hábeis empregues por mestres experientes para responder às necessidades específicas de buscadores específicos.

A prática do Zen consiste numa coleção de técnicas libertadoras que assentam numa análise profunda da perceção e do condicionamento humano. Em comum com os sábios de outras tradições equivalentes pelo mundo, os adeptos Zen observaram que, normalmente, as pessoas estão encerradas numa concha de perceções condicionadas carregadas de emoção, que moldam as suas motivações e limitam a sua experiência a um conjunto estreito de perspetivas padronizadas.

Normalmente, as pessoas reificam os conceitos em que foram inadvertidamente condicionadas a acreditar e projetam-nos no mundo—veem-nos como realidades objetivamente verdadeiras "lá fora", em vez de os reconhecerem como construções culturais arbitrárias.

Assim, os mestres Zen trabalhavam ativamente para "desatar os nós e derreter os pontos de fixação" que mantinham a mente dos seus estudantes presa a rotinas habituais e perceções convencionais.

A tradição Zen, como todo o Mahayana, é invencivelmente otimista quanto às possibilidades humanas—a nossa verdadeira identidade, a nossa natureza-buda inerente, nunca pode ser destruída. É a nossa essência básica, e está sempre connosco, à espera de ser ativada e trazida à vida. "A espada que mata é a espada que traz a vida", diz um velho provérbio Zen.

A espada da sabedoria, que corta o condicionamento e as atividades artificiais que compõem a nossa falsa personalidade, é o que nos liberta e faz surgir o nosso potencial iluminado. Os sábios Mahayana não concordavam com os materialistas modernos, que dizem que somos basicamente animais forçados, pelas exigências da civilização, a opor a nossa frágil racionalidade e precário sentido moral aos nossos instintos reprimidos, mas implacáveis.

Nem os mestres Mahayana seguiam as religiões dualistas que veem a vida terrena como uma arena de pecado e tentação onde a humanidade é posta à prova para se qualificar para uma vida após a morte no paraíso. Do ponto de vista Mahayana, quando a mente humana é lavada do seu condicionamento e despojada das suas ilusões, o mundo comum é o local do despertar, imbuído da luz da Fonte, onde os seres libertos podem vaguear em liberdade, nus e livres, vivendo a vida de sabedoria e compaixão. N

aturalmente, Yuanwu (nascido em 1063 e falecido em 1135 EC) viveu num mundo em muitos aspetos muito diferente do nosso. No tempo de Yuanwu, a ilha de Manhattan era uma floresta verdejante, cruzada por riachos de água

cristalina. As grandes cidades do México e do Peru ainda não tinham caído perante conquistadores vindos do outro lado do mar. As Américas, África, Austrália e Oceânia albergavam um mosaico de culturas diversas, cada uma um mundo simbólico por si só, com a sua própria história, tradição e modo de vida.

O Velho Mundo da Eurásia e do Norte de África já tinha visto impérios surgir e desaparecer durante milénios: exércitos, impostos, burocracias, castas de nobres e guerreiros a disputar o poder, antigas tradições eruditas, populações de camponeses e pastores a sobreviver. O ataque da Europa Ocidental ao resto do mundo ainda não tinha começado, e o mundo era então infinitamente mais diverso do que é hoje. Ninguém se atrevia ainda a afirmar que superioridade militar era o mesmo que superioridade cultural.

A China no tempo de Yuanwu era pontilhada de enormes centros urbanos que eram focos de administração, comércio e alta cultura. Existia uma rede de instituições budistas oficialmente reconhecidas em todo o país. A antiga filosofia política confucionista tinha sido revivida e reformulada sob influência budista. O taoismo também assumia novas formas, notavelmente paralelas ao Zen.

A arte e a literatura chinesas durante a dinastia Song atingiram um nível sem precedentes de clareza e elegância. Mas havia também graves problemas. Rebeliões camponesas esporádicas surgiam para desafiar a crescente desigualdade. Uma fação reformista na burocracia imperial provocou forte oposição por parte da elite latifundiária e acabou derrotada.

Apesar de suficientemente forte para manter o campesinato sob controlo, o inchado aparelho militar estava prestes a sofrer uma derrota esmagadora nas mãos de um pequeno grupo de invasores bárbaros. Seja como for, o mundo da China Song estava longe de ser a “pátria serena da sabedoria do Oriente” que alguns ocidentais modernos gostam de imaginar. Dada a enorme distância histórica que nos separa hoje da China Song, é ainda mais notável como as cartas de Yuanwu comunicam connosco diretamente sobre questões universais da vida da sabedoria. Talvez sobrestimemos erradamente as diferenças entre nós e os povos de outros tempos e lugares.

As diferenças nos ambientes tecnológicos são óbvias. Mas, tal como hoje, as pessoas estavam presas ao seu condicionamento, impulsionadas pelas suas esperanças e medos, ansiosas por cumprir metas sociais e perseguir imagens da boa vida. Não serão as perceções da maioria de nós hoje ainda estruturadas em termos de eu e outros, ganho e perda, amor e ódio, desejo e aversão? Não assumimos automaticamente que essas dualidades refletem uma realidade objetiva que nos deixa sem escolha? Se assim for, então a

mensagem dos escritos de Yuanwu ainda tem muito valor para nós. Essa mensagem é multidimensional e desdobra-se de modo mais completo na tradução abaixo.

Mas, para já, apenas um vislumbre desta sabedoria intemporal:
Se conseguires cortar o apego externo aos objetos e interiormente esquecer as tuas ideias falsas de eu, as próprias coisas são o verdadeiro eu, e o verdadeiro eu é as coisas: coisas e verdadeiro eu são Uma Talidade, abrindo-se para o infinito. Se te apegas à perceção, então isso é apenas perceção—não é a chegada à Verdade. Aqueles que chegam à Verdade transcendem a perceção, mas conseguem usar a perceção sem nela permanecer. Quando atravessas diretamente a perceção e te libertas dela, tudo é Verdade fundamental.

“Se onde te encontras for a realidade, então as tuas ações têm poder”
Desde a Antiguidade, com excelência incomparável, os santos e sábios experimentaram esta Grande Causa sozinhos, como se plantassem grande potencial e capacidade. Pelo poder dos seus votos de compaixão, trouxeram indicações diretas da Única Coisa, a mais profunda e recôndita, a essência comum de todas as miríades de formas de ser.

Sem estabelecer estágios, transcendem abruptamente para realizar só esta essência. Desde antes do tempo em que nada existia, esta essência esteve sempre imóvel e inalterada, determinando a base de todos os seres conscientes. Permeia todos os tempos e está para além de todo o pensamento. Está para além do sagrado e do comum e transcende todo o conhecimento e opinião. Nunca vacilou ou oscilou: está ali, pura, nua e cheia de vida. Todos os seres, animados e inanimados, têm-na completa em si.

Por isso, quando Shakyamuni Buda nasceu, apontou imediatamente para o céu e para a terra e, com um grande rugido de leão, trouxe-a diretamente à luz. Depois, ao deixar o lar e procurar o despertar durante seis anos, iluminou-se ao ver a estrela da manhã. Por fim, no Pico do Abutre, iniciou a transmissão Zen ao erguer uma flor. O que importava era que devêssemos possuir a compreensão deste Olho Verdadeiro.

Desde o tempo de Shakyamuni, o Olho Verdadeiro foi transmitido em segredo pelos vinte e oito Patriarcas Indianos e os seis Patriarcas Chineses.
Os que não conheciam a existência do Olho Verdadeiro da perceção iluminada pensavam que havia algum tipo de poder sobrenatural ou habilidade mágica envolvida, e apenas falavam de ir ao sabor das ondas e seguir a corrente, nunca procurando a raiz da transmissão. Se descobrires o seu verdadeiro significado, não precisas de remexer mais.

Em tempos antigos, quando o Marquês Li encontrou o mestre Zen Shimen, Shimen disse-lhe: “Isto é assunto para um verdadeiro grande homem, não é coisa que possa ser feita apenas por generais e altos oficiais.”
Li compreendeu de imediato e expressou-se em verso:

Para estudar o Caminho é preciso ser um homem de ferro
Agarra a mente e age com decisão
Ruma diretamente ao despertar insuperável
Sem dar importância a afirmações ou negações
Em geral, quando a sabedoria superior, a excelente capacidade e
o potencial natural já estão presentes, basta trabalhar
para penetrar com firmeza e verdade. Quando se põe em prática,
comanda-se o Grande Potencial e desenrola-se a Grande Função,
agindo antes de qualquer impulso, atuando livre dos condicionamentos.

Yantou disse:

“Rejeitar as coisas é superior, seguir as coisas é inferior. Se falarmos de combate, a força de cada um está no ponto de viragem.”
Se conseguires virar-te rapidamente no topo das coisas, então tudo se submete a ti e tudo estará ao teu alcance. Capturar e libertar, enrolar e desenrolar—tudo pode ser transformado. Em todos os momentos permaneces calmo e tranquilo, sem ter absolutamente nada pendente na mente. Em ação, ages em conformidade com a situação e o seu potencial, mantendo em ti os meios de discernimento. Mudando, adaptando-te e respondendo com sucesso, alcanças a Grande Liberdade—todas as coisas e todas as circunstâncias se abrem diante da tua lâmina, como bambu a fender-se, todas “curvando-se ao vento”.

Portanto, se onde te encontras for a realidade, então as tuas ações têm poder. Nem é preciso dizer que liderar heróis corajosos, comandar guerreiros ferozes, derrotar bandidos poderosos, confortar os camponeses, pacificar a nação e contribuir para a restauração da harmonia social e do florescimento cultural dependem todos desta única revelação.

Girando a chave suprema, alcançando algo que não pode ser perdido em dez mil gerações, vês e ouves o mesmo que os antigos budas e partilhas o mesmo conhecimento e funcionamento.

O Quarto Patriarca disse: “Sem mente, não há questão de buda.”
Deshan disse: “Um buda é apenas alguém sem preocupações.”
Yongjia disse: “Não está separado daqui, sempre profundamente claro e sereno. Se o procurares, sabes que não o podes ver.”

Linji disse: “O ser real, sem estatuto, está sempre a entrar e sair pelas portas do teu rosto.”
Isto é a substância de todas estas afirmações.

O Ensino Real e a Aprendizagem Real

Desde a mais alta antiguidade, o veículo de origem tem sido a transcendência e a realização direta, com mestres e discípulos unidos na compreensão, sem nada de aleatório. É por isso que o homem que viria a ser o Segundo Patriarca Zen ficou na neve e cortou o braço para provar a sua sinceridade a Bodhidharma, o Primeiro Patriarca. É por isso que o Sexto Patriarca trabalhou a pilhar arroz na comunidade do Quinto Patriarca em Huangmei. É por isso que outros adeptos Zen trabalharam diligentemente durante vinte ou trinta anos. Como poderia o selo de aprovação ser concedido levianamente?

Em geral, os verdadeiros mestres Zen expõem os seus ensinamentos apenas depois de observarem a situação e o potencial dos aprendizes. Os verdadeiros mestres refinam os seus alunos centenas e milhares de vezes. Sempre que o aprendiz tem qualquer apego ou dúvida, o mestre resolve e ultrapassa esses pontos, levando o estudante a penetrar até ao fundo e a largar tudo, de modo que este possa realizar equanimidade e paz em plena ação. Os verdadeiros mestres transformam os aprendizes para que atinjam o estado de “impossível de quebrar”, como um saco de couro capaz de suportar qualquer impacto.

Só depois disto é que o mestre Zen deixa o aluno transformado ir ao mundo lidar com as pessoas e ajudá-las. Isto não é uma coisa menor. Se o aluno estiver incompleto em algum aspeto, então o modelo não está certo, e o estudante imaturo acaba por sair todo irregular, cheio de excessos e faltas, e parece ridículo aos verdadeiros adeptos.

Por isso, para ensinar o Dharma, os antigos dignos trabalhavam pela completude, correção e clareza em todas as facetas. Isto significa ter interiormente a própria prática tão pura como gelo e jade, e exteriormente uma mestria completa e equilibrada das técnicas, uma visão perspicaz de todos os seres conscientes e habilidade na relação.

Quando tais adeptos encontravam potenciais aprendizes, examinavam cada ponto em termos do Fundamental.

Quando finalmente os aprendizes compreendiam, os mestres empregavam técnicas para os polir e refinar. Era como passar água de um recipiente para outro, com o maior cuidado para não desperdiçar uma gota.

Entre os métodos empregados pelos adeptos, vemos afastar o boi do lavrador ou tirar a comida ao homem faminto. Insondáveis para espíritos ou fantasmas, os verdadeiros adeptos Zen confiavam apenas na grande libertação. Não exibiam as deformidades típicas dos falsos iluminados nem “cultivavam os cornos característicos de outras espécies.” À vontade, sem se empenharem em atividades forçadas, eram verdadeiros santos de disciplina e virtude que tinham deixado para trás o pó dos apegos sensoriais.

Há um dito de Bodhidharma: “Aqueles cujas ações e compreensão estão em harmonia chamamos de ancestrais espirituais.”

O Que é um Mestre Zen?

Fazer peregrinações em busca de mestres iluminados, ir para além da convenção—basicamente, isto faz-se por causa da importância do grande assunto do nascimento e da morte. Contactar pessoas para as ajudar é ser um bom amigo espiritual. Trazer à luz as condições causais do grande assunto opera segundo o princípio de busca e auxílio mútuos.

Desde tempos antigos, apenas aqueles que podiam suportar a responsabilidade de serem vasos do Grande Dharma puderam assumir o papel de mestre Zen e manter-se como uma muralha de mil metros de altura. Essas pessoas foram temperadas e refinadas na forja dos mestres da Origem, moldadas sob o impacto dos seus martelos e tenazes, até se tornarem reais e verdadeiras do princípio ao fim. Caso contrário, não surgem no mundo como mestres. Se surgirem, certamente impressionam a multidão e movem as pessoas. Porque a sua realização própria e aceitação da responsabilidade de transmitir a Verdade não foi apressada nem aleatória, quando a transmitiram a outros também não foram apressados ou descuidados.

Todos conhecemos os exemplos clássicos. Mestre Rang ficou com o Sexto Patriarca em Caoqi durante oito anos. Mazu no Templo Guanyin. Deshan e Longtan. Yangshan e Guishan. Linji e Huangbo. Em todos os casos, foram precisos pelo menos dez ou vinte anos de associação próxima entre mestre e discípulo antes que o discípulo estivesse totalmente preparado para se tornar mestre.

Por isso, com os verdadeiros mestres Zen, cada palavra e cada frase, cada ato e cada estado ressoavam com música de ouro e jade.

Praticamente ninguém das gerações seguintes conseguiu compreender o que faziam. Só conseguirás ver verdadeiramente onde eles estavam quando alcançares a realização transcendental e atingires o estádio que todos os iluminados partilham.

Lembro-me desta história antiga. Mazu perguntou a Xitang: “Já leste os ensinamentos das escrituras?” Xitang disse: “Os ensinamentos das escrituras são diferentes?” Mazu perguntou: “Se não leste as escrituras, como poderás explicar às pessoas de várias formas?” Xitang respondeu: “Tenho de cuidar da minha própria doença—como ousaria tentar ajudar outros?”

Mazu disse: “Nos teus últimos anos, certamente alcançarás grandeza no mundo.” E foi assim que aconteceu mais tarde.

Ao refletirmos cuidadosamente sobre os antigos, não alcançaram eles uma grande penetração e grande iluminação quanto à grande condição causal que leva à transcendência? Cortaram palavras e imagens e separaram-se da confusão da discriminação condicionada; apenas sabiam por si, gozando paz e liberdade sozinhos num estado de repouso.

Mesmo assim, Mazu ainda incitou Xitang com firmeza, querendo que ele atingisse total mestria da transformação adaptativa, sem se apegar a um canto ou ficar preso num lugar.

Devemos compreender plenamente todos os tempos, passados e presentes, e praticar uma integração harmoniosa, fundindo-nos na totalidade sem fronteiras. É importante, ao ajudar as pessoas e receber recém-chegados de todos os lados, pescar pelo menos um ou dois “rabos queimados” com potencial para se tornarem vasos do Dharma dentro da caverna das ervas daninhas, pessoas aptas a tornar-se sementes da vida da sabedoria. Não é este o trabalho de usar meios hábeis para retribuir a benevolência e virtude dos budas e mestres ancestrais?

Deves dominar o teu espírito, de modo que, sempre que transmitires ensinamentos expedientes, tenhas a capacidade, em cada movimento, de revelar o corpo do despertar e evitar cegar os olhos das pessoas. Não será de proveito se errares quanto ao resultado e quanto à causa. Este é o caminho mais essencial para amigos e mestres espirituais.

O grande mestre Zen Hunan, do Templo Huanglong, disse certa vez: “O trabalho do mestre é sentar-se direito na sala do abade e receber todos os que chegam com o Assunto Fundamental. As outras tarefas menores devem ser confiadas a monges-administradores. Assim, tudo será realizado.”

Quão verdadeiras são estas palavras! Quando, como mestre Zen, empregares pessoas como assistentes administrativos, deves ter muito cuidado ao confiar-lhes as responsabilidades adequadas, para que os assuntos não sejam mal conduzidos.

Zhenru, do Templo Dagui, disse: “Não há truque especial para ser um mestre Zen e guiar uma comunidade de aprendizes; o que importa é saber empregar as pessoas.” Pensa bem nisto.

Um provérbio diz: “A esperteza não vale tanto quanto um modelo fiável.” Baizhang estabeleceu um conjunto de diretrizes para as comunidades Zen, e ninguém jamais as conseguiu derrubar. Agora, deves apenas seguir conscienciosamente estas diretrizes, dar o exemplo na sua observação e não violar as elegantes normas de Baizhang. Assim, toda a tua comunidade as seguirá também.

No derradeiro rompimento, um monge de túnica remendada penetra até à liberdade do nascimento e da morte. Para conseguir isto, tens de conhecer o movimento que nem mil Sábios podem prender, o movimento que corta a raiz da vida.

Os antigos verdadeiramente imbuídos do Tao sabiam capturar ou libertar, matar ou dar vida com mestria. Todos os mestres que alcançaram a grande libertação usaram estas técnicas.

Não é difícil conhecer tais métodos. Se os dominaste ou não revela-se na maneira como atuas. Só quando consegues cortar de forma decisiva e aplicá-los instantaneamente à situação—é então que alcanças verdadeiro poder a longo prazo.

O nosso mestre ancestral Yangqi falava da “gaiola de diamante” e da “muralha de espinhos” para distinguir dragões de serpentes e capturar tigres e rinocerontes. Se fores um verdadeiro descendente desta linhagem, trarás isso à tona com naturalidade e cortarás as línguas dos monges Zen.

A Verdadeira Escola de Linji

A verdadeira escola de Linji abriu o seu grande potencial a partir dos grandes predecessores de Linji, Mazu e Huangbo, revelando a sua grande função, escapando a todas as gaiolas, deixando todos os ninhos. Investindo como tigres e galopando como dragões, voando como estrelas cadentes, fulminando como relâmpagos, os adeptos da escola de Linji enrolavam e desenrolavam, capturavam e libertavam, sempre usando meios hábeis baseados no Fundamental, sempre contínuos e exatos. Com Fengxue e Xinghua, o ensinamento da escola tornou-se cada vez mais elevado, e o seu funcionamento cada vez mais agreste. “O Rio Oeste brinca com um leão, flores de geada energizam o Rei Diamante.”

Ninguém poderia sequer ter uma pista sobre o que era realmente a escola Linji sem entrar profundamente no santuário interior e receber pessoalmente o selo e a promessa de iluminação. Observadores não iniciados apenas atribuíam nomes e descrições arbitrários ao que pensavam ver, apenas acrescentando mais palavreado vazio.

Mesmo tendo coragem para assaltar o céu, ou exibir a verdade para lá das convenções, até derrotar armas alheias sem lutar e "matar pessoas" sem pestanejar—ainda assim, isto não é propriamente aquilo a que a escola de Linji se refere. Nem tampouco girar as constelações, rodar o eixo do céu ou da terra.

Por isso, Linji e os seus sucessores ensinavam usando expedientes como os três mistérios, os três essenciais, as quatro perspetivas, os quatro níveis de hóspede e anfitrião, a espada preciosa do Rei Diamante, o leão agachado para saltar, o grito que não serve como grito, a vara sonda e a sombra de junco, a distinção entre hóspede e anfitrião e iluminação e ação num só grito. Usavam tantas linhas ao mesmo tempo! Tantos eruditos tentaram avaliar estas técnicas e acrescentar explicações, sem perceberem minimamente que tais avaliações não têm qualquer fundamento, porque "não existe tal lâmina no arsenal do nosso soberano".

Quando os adeptos da escola Linji mostram algum expediente, acontece num piscar de olhos. Tens de ser um aprendiz superior que já realizou e reconheceu experiencialmente a mensagem Zen. Recebendo-a de frente ou de lado, tens de ser um verdadeiro rebento da escola—como poderias depender de intermediários?

Quando Baoshou apareceu pela primeira vez na sala de ensino, Sansheng empurrou um monge para a frente, e Baoshou bateu-lhe imediatamente. Sansheng disse: "Se ajudas as pessoas assim, não só cegaste este monge, como cegaste os olhos de toda a cidade." Baoshou largou o bastão do mestre e voltou aos seus aposentos.

Uma vez, ao ver um colega a aproximar-se, Xinghua gritou de imediato. O outro monge também gritou. Xinghua gritou novamente. O outro também voltou a gritar. Xinghua disse: "Vê este cego!" Depois expulsou-o da sala de ensino com pancadas. Um dos seus assistentes perguntou: "Qual foi a falta deste monge?" Xinghua respondeu: "Ele tinha tanto o provisório como o real, mas eu fiz-lhe duas passagens mesmo diante do nariz e mesmo assim ele não percebeu. Se não bater num cego como este, em quem mais vou bater?"

Observa bem o verdadeiro estilo da escola Linji como se manifesta nestes episódios. É absolutamente transcendente e não valoriza nenhuma estratégia em particular. Apenas o acerto do olho para a Verdade importa.

Se quiseres sustentar a verdadeira escola e manter o olho da Origem, tens de estar completamente liberto dos pés à cabeça, com uma libertação que penetre até ao osso e à medula e não se prenda a absolutamente nada. Só então podes realmente suceder à escola Linji. Só então poderás erguer o grande estandarte e acender a grande lâmpada deste ensinamento. Só então poderás continuar a obra de Mazu, Baizhang, Shoushan e Yangqi sem ser um usurpador.

Transmitir Sabedoria

Para a pura transmissão de Buda no Pico do Espírito, para a herança secreta de Bodhidharma no Monte das Poucas Casas, tens de te destacar para lá de todas as categorias e convenções e testá-lo nos movimentos do pó e da erva agitada pelo vento.

Com o olhar claro e brilhante, atravessas as obscuridades e reconheces o que se passa do outro lado da montanha. Engoles o som e eliminas os vestígios, sem deixar absolutamente nada para trás. Ainda assim, podes pôr em movimento ondas que seguem contra a corrente e usar a habilidade que corta o fluxo. Aproximas-te das pessoas e mordes-lhes; és rápido como um falcão que é confundido com uma sombra enquanto sobe ao céu azul profundo. Num piscar de olhos, desaparece. Aponta e ele aparece. Pressiona e ele desaparece. É imparavelmente elevado e puro.

É assim que esta verdadeira origem é posta em circulação, servindo de modelo e padrão para as gerações seguintes. Todos os que quiserem comunicar a mensagem da origem devem ser capazes de “matar” a falsa personalidade de uma pessoa sem pestanejar—só então poderão entrar ativamente nela.
Um exemplo foi o velho Huangbo. Ele conhecia este estado por natureza. Em viagem, chegou ao Monte Tiantai, onde viu um santo a andar sobre as ondas, cortando uma torrente—Huangbo imediatamente quis matá-lo ali mesmo.

Quando chegou a Baizhang e ouviu a história de como um só grito de Mazu deixou Baizhang surdo por três dias, recuou e mostrou a língua. Sabemos que isto foi expressão do grande potencial de Huangbo. Como poderiam aqueles de opiniões simplistas e aprendizagem superficial ter qualquer opinião válida sobre isto?

Mais tarde, Huangbo ensinou o nosso mestre ancestral Linji e utilizou toda esta essência. Ao não poupar a compaixão, Huangbo moldou Linji num sucessor capaz, destinado a abrigar todos no mundo.

As pessoas com vontade de atingir a Verdade devem ser plenamente desenvolvidas e polidas, para ir além das convenções e das seitas. Só então poderão tirar o alimento ao faminto e afastar o boi ao lavrador, continuando a função tradicional de orientação e não confundindo virar-se para ou virar-se de costas. Só podem ser rebentos de transcendência quando, ao nível subtil, conseguem ver até à última gota, e ao nível vasto até mil sábios não os conseguem encontrar.

O velho mestre Zufeng costumava dizer: “Até o Buda Shakyamuni e o Buda Maitreya são Seus servos. Em última análise, quem é Ele?”
Como pode isto admitir sondagens arbitrárias ou confusas?
Só conseguirás algo se souberes que Ele existe.

Em geral, quando, como mestre Zen, queres energizar o espírito indomável de uma grande pessoa nos teus discípulos e fazê-los avançar para a corrente superior, tens de agir para que não possam ser apanhados nem chamados de volta.

Ao ajudares as pessoas e responderes ao seu potencial, tudo deve ser claro e livre. Não te deves rebolar no ninho das ervas daninhas nem brincar com o espírito na caverna dos fantasmas. Se o suposto mestre usa conceitos fabricados de “mistérios” e “maravilhas” e “a essência da verdade”, se arqueia as sobrancelhas, brilha os olhos e se exibe a debitar ditos e, assim, prende os filhos e filhas das famílias dos outros com doutrinas que apresenta como realidades absolutas, então é apenas um cego a guiar cegos—como pode isto produzir verdadeiros ensinamentos hábeis?

Já que ocupas o cargo de mestre, certamente não o podes tomar de ânimo leve. De tua parte, deves ser impecável, distante e transcendente, como um leão em ronda, com um espírito que assusta a multidão. Deves ser sempre insondável quando apareces e desapareces, soltas e capturas. De repente, o leão agacha-se e salta em frente, e todos os outros animais fogem em pânico. Não será isto verdadeiramente extraordinário?

Se fores essa pessoa, já discerniste os contornos disto a três mil milhas de distância. Por isso Yantou disse: “Um mestre iluminado é como uma cabaça na água, a flutuar livremente, que não pode ser presa nem amarrada.”

Quando entras em contacto com a Verdade, ela cobre o céu e a terra. Ao alimentá-la e praticá-la constantemente, chegas a este estado. Só então

partilhas a linha única que vem do Pico do Espírito e do Monte das Poucas Casas. Só então podes alternar entre hóspede e anfitrião com Huangbo, Linji, Yantou e Xuefeng. Só então o teu ensinamento será eficaz, para que “quando o vento sopra, a erva se curva”—e não terás aparecido no mundo como mestre Zen em vão.

Sustenta e transmite o Dharma durante vinte ou trinta anos e, então, entre os outros, haverá naturalmente quem possa partilhar o fluxo desta realização contigo, pessoas de aprendizagem e perceção que te ajudarão a protegê-la. Quem diz que ninguém vê “a pérola inestimável”? Eu digo que a pérola do dragão negro brilha onde quer que esteja.

Preparar Sucessores

Os budas e mestres ancestrais transmitiram de mente para mente. Nesta transmissão, mestre e discípulo estavam ambos plenamente iluminados. Ambos tinham penetrado na libertação, e por isso atuavam como dois espelhos a refletir-se mutuamente.

Isto não é algo que palavras ou imagens possam capturar.
Quando transcendes todos os padrões e avaliações, e as pontas das flechas se encontram, sem nunca ter qualquer objetivo que não seja a Verdade, então recebes a maravilha do Caminho, tornas-te sucessor dos mestres ancestrais e continuas a transmissão da Lâmpada. Cortas o caminho da ideação e vais além do pensamento, escapando da consciência emocional, para alcançar um estado claro e aberto de liberdade que varre tudo à sua frente.

Quando chegar o momento de escolher as pessoas a quem transmitir a herança, é necessário selecionar aquelas de espírito único cuja perceção iluminada esteja plenamente amadurecida. Assim, não deixarão o nome da família decair e possuirão os “dentes e garras” que desde tempos imemoriais caracterizam a escola Zen. Só então estarão em harmonia e auxiliarão verdadeiramente a transmissão da Verdade pela Verdade.

É assim que a transmissão Zen se perpetuou durante muitos séculos, tornando-se cada vez mais ilustre quanto mais tempo passa. Como se diz: “Quando a nascente é profunda, o rio corre longo.”

Hoje em dia muitos perderam o velho caminho e muitos tentam usurpar o estilo Zen, fundando as suas próprias seitas, agarrando-se a clichés e inventando fórmulas e slogans padronizados. Como eles próprios não saíram do trilho, ao tentarem ajudar outros é como um rato a entrar num corno oco que se vai estreitando até o rato ficar preso sem saída. Nessas circunstâncias, como pode o ensinamento universal não declinar?

No início, quando conheci o meu mestre Wuzu, apresentei-lhe a minha realização, cheia de palavras, frases e pontos intelectuais—tudo conversa vazia sobre “buddadharma” e “essência da mente” e “maravilhas místicas”.

Em troca, o meu velho mestre citou-me duas frases secas: “O verbal e o não-verbal são como vinhas agarradas a uma árvore.” No início, tornei e retorci este dito, usando a minha esperteza verbal. Depois comecei a teorizar e a expor princípios. Não houve limites para onde fui, tentando escapar ao dilema que ele me propôs: tudo o que eu apresentava estava incluído ali. Acabei por começar a chorar sem me dar conta. E ainda assim, nunca consegui realmente penetrar neste dito. Várias vezes tentei concentrar-me seriamente nisso.

Nessa altura, o meu mestre disse-me: “Deves simplesmente pôr fim a todas as tuas opiniões e compreensões e julgamentos arbitrários. Quando as limpares todas de uma vez, naturalmente obterás visão.” Depois disse: “Já te expliquei tudo. Agora vai.”

Sentei-me no meu lugar e investiguei a questão a fundo, até não haver costura ou brecha. Depois fui ao quarto do meu mestre e falei livremente, de modo confuso. Ele repreendeu-me: “Porque estás a tagarelar?” Então admiti para mim mesmo que um homem de olhos verdadeiramente claros via o que se passava no meu coração.

No final, não consegui penetrar nisto, e deixei a montanha. Dois anos depois, regressei.

Por fim, “o fundo do balde caiu” para mim enquanto contemplava o dito: “Ela chama a criada repetidamente, embora nada se passe, porque quer que o amante ouça a sua voz.” Então, finalmente, vi que o que o meu mestre me dissera era verdadeira medicina. Simplesmente, eu estava iludido na altura e não consegui penetrar nisso.

Por isso sei que a verdadeira verdade é como o dito de Liangsui: “Eu sei tudo o que vocês sabem, mas vocês não sabem o que eu sei.” Quão verdadeiras são estas palavras!

Xuefeng perguntou a Deshan: “Tenho alguma participação no veículo da escola que vem da antiguidade?” Deshan bateu-lhe com o bastão e disse: “O que estás a dizer?” Mais tarde, Xuefeng disse: “Quando estava com Deshan, a cada pancada do bastão parecia que despia mil camisas ensopadas de suor coladas à pele.”

Linji foi atingido três vezes por Huangbo e foi a Dayu perguntar se estava errado ou não. Dayu respondeu: “Huangbo foi tão bondoso para contigo, mas ainda assim vens procurar uma culpa.” Linji teve uma realização poderosa e disse inconscientemente: “Afinal, não há muito no budismo de Huangbo.”

Tanto Xuefeng como Linji eram membros destacados da comunidade Zen e ambos despertaram sob o impacto de uma pancada do bastão do mestre. Mais tarde, ambos energizaram grandemente a escola Zen e tornaram-se escada e barco para a salvação do mundo. Os estudantes Zen de hoje deveriam pensar neles: eram eles superficiais e rudes?

No entanto, recentemente alguns dizem que usar o bastão para lidar com pessoas é cair em expediente e objetividade. Alegam que, para penetrar nas subtilezas, é preciso investigar a verdadeira natureza da mente até ao fundo, discutir mistérios e maravilhas exaustivamente, ser consistente e meticuloso a todo o tempo, e apanhar cada ponto.

Mas e todas as escolas budistas que interpretam os ensinamentos das escrituras, com as suas análises minuciosas, as suas revelações de aspetos ocultos, a descoberta da realidade última e a penetração da verdadeira natureza do budismo? Não são isso subtilezas? Se isso fosse tudo, para que teria o mestre ancestral Zen vindo do Ocidente?

É evidente que, como o fluxo do Ensinamento se prolongou tanto, muitas opiniões divergentes surgiram. Como não recebem a verdadeira transmissão, transformam o néctar dos ensinamentos budistas em veneno. Será culpa de Deshan, Xuefeng, Huangbo e Linji?

Um provérbio diz: “Se a corda é curta, não chegará para tirar água de uma nascente profunda.”

Adeptos em Ação

O Caminho Supremo é simples e fácil, mas profundo e subtil. Desde o início não estabelece degraus. Erguendo-se como uma parede de milhas de altura, é chamado de sustento fundamental.

Assim, em Magadha, o Buda cumpriu o verdadeiro imperativo ao fechar a porta e permanecer em reclusão. Em Vaisali, Vimalakirti revelou o princípio fundamental ao manter a boca fechada e recusar-se a falar.

Mesmo assim, há adeptos que não lhes perdoam estas demonstrações. Muito menos perdoariam envolver-se em maravilhas e mergulhar em mistérios, discursar sobre a verdadeira natureza da mente e ter uma camisa suada

colada à pele, sem conseguir despir-se dela! Isso pareceria ainda mais gasto e decadente.

De Bodhidharma a Huineng, o exemplo dos patriarcas Zen foi excepcionalmente notável. As estratégias práticas de adeptos como Linji e Deshan eram imediatamente libertadoras. Quando os grandes mestres Zen entravam em ação, eram como dragões a galopar e tigres a investir: céu e terra giravam e nada podia deter o seu poder revivificador.

Nunca se arrastaram pela água lamacenta do emocionalismo e do intelectualismo. Desde sempre, assim que tinham certeza de penetração do supremo, os de grande realização e iluminação eram como falcões e águias rápidos—cavalgaram o vento, deslumbraram ao sol, com o céu azul às costas. Penetraram diretamente e tornaram-se completamente desimpedidos vinte e quatro horas por dia, com a sua realização a permear tudo em todas as direções, enrolando e desenrolando, capturando e libertando.

Nem sequer permaneciam na estação do sábio, quanto mais se contentariam em ficar na corrente comum? Os seus corações estavam lavados, abrangendo passado e presente. Pegando numa folha de erva, usavam-na como corpo dourado de buda; pegando no corpo dourado de buda, usavam-no como folha de erva.

Para eles nunca existiu melhor ou pior, agarrar ou rejeitar. Estavam simplesmente vibrantes e vivos diante da situação. Por vezes, ao guiar aprendizes, retiravam a pessoa mas não o mundo, outras vezes retiravam o mundo mas não a pessoa, outras ainda retiravam ambos, e outras não retiravam nenhum. Foram além de convenções e limites sectários e estavam totalmente claros e livres. Como poderiam interessar-se em prender pessoas, enganá-las, manipulá-las ou deformá-las?

É necessário chegar à realidade e revelar aos aprendizes aquilo em cada um que é a questão fundamental da grande libertação, sem dependências, sem atividades artificiais, sem preocupações.

Foi assim que os antigos antecipavam o pó no vento e a erva a mover-se. Assim que qualquer ilusão obstrutiva surgia, cortavam-na imediatamente. Mesmo assim, raramente encontravam alguém disposto e capaz de partilhar a vida da sabedoria.

Como poderiam os verdadeiros mestres Zen ser comparados a esses falsos que se rebolam juntos nas ervas daninhas, arrastando-se mutuamente, puxando uns aos outros para juízos intelectuais e verbais e escolhas arbitrárias, criando clichés para enterrar os filhos dos outros? É óbvio que tais

pessoas estão “a molhar a cama de olhos abertos”. Aqueles adeptos Zen de olhos claros nunca se prestariam a tal espetáculo!

A vontade e energia dos verdadeiramente grandes espanta a multidão vulgar. Tens de aspirar a ser seu verdadeiro sucessor da genuína escola Linji. Com um grito e um golpe, um ato e um estado, enfrenta a realidade e aniquila a falsidade. Não viste este dito: “Depois de usares a espada afiada da sabedoria, sê rápido a afiá-la de novo”?

Mover-se com o Grande Fluxo

Quando a tua visão penetra e o teu uso dela é claro, és espontaneamente capaz de te virar sem congelar nem ficar preso em meio a mudanças relâmpago, interações complexas e intricados entrelaçamentos. Não estabeleces opiniões nem te fixas em estados mentais; moves-te com o grande fluxo, de modo que “quando o vento sopra, a erva curva-se”.

Quando entras na iluminação mesmo onde estás, penetras na fonte mais profunda. Cultivas esta realização até atingir liberdade mental, não abrigando nada no coração. Aqui não há “compreensão” para encontrar, quanto mais “não-compreensão”.

Segues assim vinte e quatro horas por dia, sem grilhões, livre de todos os vínculos. Como desde o início não te fixas em sujeito e objeto, ou eu e outros, como poderia haver “buddadharma”? Este é o domínio do não-mente, da não-ação e da ausência de preocupações. Como poderá isto ser julgado com mera inteligência mundana, conhecimento, discernimento e erudição, se faltar a base fundamental?

Será que Bodhidharma trouxe mesmo este ensinamento quando veio do Ocidente? Tudo o que fez foi apontar a verdadeira natureza que cada pessoa já possui, para permitir que as pessoas emergissem completamente, limpas e puras, da órbita da ilusão, sem serem manchadas ou poluídas por todo o conhecimento e consciência erróneos, pensamentos e julgamentos falsos.
O estudo deve ser verdadeiro estudo.

Quando encontras um mestre genuíno do Caminho, ele não te levará para um covil de ervas daninhas; ele cortará diretamente para que possas encontrar-te com a realização. Ele arrancará a camisa suada que se cola à tua pele, permitindo que o teu coração se torne vazio e aberto, sem o mais pequeno sentido de profano ou sagrado, e sem qualquer busca exterior, para que te tornes profundamente claro, sereno, genuíno e verdadeiro. Então, nem mesmo mil sábios poderão situar-te. Alcanças um estado uno, puro e nu, e passas para

o outro lado do vazio eterno. Aí, até o Buda Primordial é teu descendente — como poderias, então, procurar mais alguma coisa nos outros?

Desde os mestres ancestrais, todos os verdadeiros adeptos têm sido assim. Toma o exemplo do Sexto Patriarca. Era um homem de uma região fronteiriça do sul que vendia lenha para viver, analfabeto. Quando se encontrou face a face com o Quinto Patriarca, abriu o coração e atravessou diretamente para a liberdade.

Os santos e sábios vivem misturados entre as pessoas comuns, mas, ainda assim, é necessário usar meios adequados para revelar esta questão que não faz distinção entre dignos e ignorantes, e que já é inerente a todos os seres humanos.

Uma vez que fundes as tuas pegadas no rio do Zen, passas os dias silenciando a mente e estudando com todo o teu ser. Percebes que esta Grande Causa não é obtida de ninguém, mas é apenas uma questão de assumir a tarefa com coragem e firmeza, e de fazer progressos constantes. Dia após dia, libertas-te das tuas ilusões; dia após dia, aumentas a clareza da tua mente. O teu potencial para a perceção iluminada é como ouro fino, que deve ser refinado centenas e milhares de vezes. O que é essencial para sair do pó, o que é fundamental para ajudar os seres vivos, é que devas penetrar livremente em todas as direções e chegar a uma paz e segurança livres de dúvida, atingindo o estágio do grande potencial e da grande função.

Este trabalho situa-se precisamente nas tuas próprias ações interiores. Trata-se apenas de estar, todos os dias, no meio da interação das miríades de condições causais, na confusão do pó vermelho, em circunstâncias favoráveis e adversas, no ganho e na perda, no aparecer e desaparecer, sem ser afetado e "virado" por elas, mas, pelo contrário, sendo capaz de as transformar e "virar".

Quando estás repleto de vida e a água não te pode molhar, esta é a tua medida de poder. Alcanças um silêncio vazio e solidificado, mas não existe dualidade entre vazio e forma, ou entre silêncio e ruído. Igualizas todos os tipos de ditos maravilhosos, dispositivos perigosos e perceções absolutas; no fim, não há ganho nem perda, e tudo é teu para usar.

Quando prossegues "a polir e a refinar" assim durante muito tempo, libertas-te mesmo no meio do nascimento e da morte, e encaras a reputação inútil do mundo e o lucro ruinoso como simples pó ao vento, como um sonho, como uma aparição mágica, como uma ilusão ótica. Livre, atravessas o mundo. Não é isto ser um grande santo que emergiu do pó dos apegos sensoriais?

Não Mistures Veneno com a Tua Comida

Zhaozhou disse: “Durante os meus trinta anos no sul, as únicas vezes em que misturei preocupações mundanas na minha atividade mental foram durante as refeições da manhã e do meio-dia.”

Com isto, devemos compreender que, ao levar a cabo esta questão, os antigos dignos não a tomavam de ânimo leve. Pelo contrário, encaravam-na com seriedade e respeito. Foi assim que perseveraram na prática e alcançaram a perceção; foi assim que chegaram a uma clareza completa e nunca caíram na vaidade vazia nas ações ou nas palavras. Assim conseguiram unificar os fenómenos mundanos e a verdade iluminada.

No tempo presente, aqueles que desejam aproximar-se da realidade devem mobilizar energias com coragem e transformar o que está dentro de si. Não deves apegar-te a conhecimentos e visões erradas. Não deves misturar veneno na tua comida. Deves ser uniformemente puro, verdadeiro, limpo e maravilhosamente iluminado, para entrares diretamente no cenário do terreno fundamental e alcançares o estágio pacífico e seguro da grande libertação.

Então, permaneces elevado e só, de modo que o vento não pode penetrar e a água não pode molhar-te. A verdadeira essência manifesta-se, e nas tuas atividades diárias tens uma medida de poder. Ao ouvir sons e ver formas, não dás origem a agarrar ou rejeitar. A cada movimento tens um caminho por onde sair.

Não leste esta história? Um monge perguntou a Jiufeng: “Ouvi dizer que encontraste Yanshou em pessoa, é verdade?” Jiufeng disse: “O trigo diante da montanha já está maduro ou não?”

Se conseguires reconhecer o que Jiufeng estava a apontar a um nível íntimo, verás a capacidade de um verdadeiro monge de hábito remendado, aquilo a que se chama a espada que mata e a espada que dá vida. Mantém sempre o olhar nisto. Quando ultrapassares as convenções, saberás naturalmente onde está a verdadeira questão.

O Que É?

Zhaozhou disse: “Não gosto de ouvir a palavra ‘buda’.” Diz-me, por que era ele assim? Seria porque “buda” significa “pessoa omnisciente” e ele não queria ouvir a palavra? Claramente não era essa a razão. Se não era isso, então por que não queria ele ouvir a palavra? Se fores uma pessoa de olhos claros, saberás onde está a verdadeira questão assim que ouvires isto. Pergunto-te:

onde está realmente, o que significa de facto? Tenta expor o que pensas, para que eu veja.

Quando Luzu via um monge a aproximar-se, voltava-se para a parede — estaria ele a ajudar as pessoas ou não? Onde está a medida justa? Se queres agir de acordo com ele, que abordagem deves tomar?

Sempre que Baizhang ia ao salão, depois de expor o Dharma e de a assembleia se dispersar, chamava-os novamente. Quando se viravam, ele dizia: “O que é?”

Yaoshan disse: “Conta-me sobre o que Baizhang costumava dizer quando todos saíam do salão: a quem é que ele se dirigia e como se poderia obter perceção disso?”

Dá um Passo Atrás e Volta-te para a Realidade

Gao, o de hábito remendado, com a sua natureza destemida e afiada, viajou por todo o país visitando os mestres hábeis da escola Zen. O antigo primeiro-ministro e mestre Zen Zhang Wujin tomou conhecimento dele e respeitou-o profundamente como um vaso do ensino.

Como Gao tinha um espírito extraordinário, não se contentava com pequenas compreensões. Depois de demonstrar a sua sinceridade, tornou-se um dos meus associados. Acordámos numa só palavra, e ele livrou-se do cabresto que até então o continha. Embora ainda não tivesse alcançado a compreensão total, era um homem vigoroso e vivo, que ninguém conseguia reprimir ou conter.

Se recuarmos à origem disto, devemos tudo à inspiração do Mestre Wujin. Mais tarde, Gao enfrentou o frio intenso e veio visitar-me em Xianping. Ao anunciar a sua partida, pediu-me algumas palavras de ensinamento, que lhe dei. Disse-lhe:

“Aqueles que vestem o hábito remendado de um viajante Zen devem ser completamente sérios em tomar o nascimento e a morte como o seu assunto principal. Devem trabalhar para dissolver os obstáculos causados pelo conhecimento e pelas visões condicionadas, e pela compreensão interpretativa, penetrando até à realização da grande condição causal comunicada e transmitida pelos budas e mestres ancestrais. Não cobices nome nem fama. Dá um passo atrás e volta-te para a realidade, até que a tua compreensão prática e virtude estejam plenamente atualizadas.

“Quando há verdadeira realização, quanto mais tentas escondê-la, mais ela

não pode ser ocultada. Todos os sábios, devas e nagas tentarão impulsionar para a frente uma pessoa de verdadeira realização, especialmente após anos de cultivo e refinamento. Espera até seres como um sino que soa quando tocado, ou um vale que devolve o eco. Espera até seres como ouro puro que sai da forja onde foi fundido e refinado dez mil vezes, para que não mude em dez mil gerações, para que sejam dez mil anos num só momento.

“Quando tens o domínio da transcendência nas mãos, quando as ervas se inclinam ao vento, não serás então amplo e generoso, com recursos de sobra? “Lembra-te: o que é importante na prática é perseverança e consistência.”

Acender a Lâmpada Inesgotável

Mesmo ao dizer-te uma única frase, já te molhei com água suja. Seria ainda pior se te piscasse o olho ou levantasse a sobrancelha, ou batesse no assento de meditação ou levantasse o espanador, ou exigisse: “O que é isto?” Quanto a gritar e bater, é óbvio que não passa de um monte de ossos no chão plano.

Há também aqueles que não distinguem o bem do mal e fazem perguntas sobre Buda, o Dharma, o Zen e o Tao. Pedem ajuda, imploram para serem recebidos, procuram conhecimentos, ditos e teorias sobre o ensinamento budista, sobre transcender o mundo e acomodar-se nele. Isto é lavar terra no meio do barro e lavar barro no meio da terra — quando conseguirão alguma vez limpá-lo?

Alguns ouvem este tipo de discurso e tiram conclusões precipitadas, afirmando: “Eu compreendo! Fundamentalmente, não há nada no budismo — está em todos. Enquanto passo os meus dias a comer e a vestir-me, faltou-me alguma coisa?” Então instalam-se no reino da indiferença banal, longe de perceber que nada disto fez alguma vez parte da verdadeira prática budista.

Assim, sabemos que é preciso ser alguém genuinamente dentro da tradição para poder conhecer plenamente a porção fundamental do veículo da escola que nos chegou desde tempos imemoriais. Se realmente entraste na iluminação, então sabes quando começar e quando parar, quando avançar e quando recuar, e consegues distinguir o que é permitido do que não é.

Deixando para trás todas as fugas, dia após dia aproximas-te mais da verdade e familiarizas-te com ela. À medida que avanças, mudas como uma pantera que já não se prende à sua toca — saltas para fora do curral. Então já não duvidas de todos os ditos dos mestres iluminados do mundo, és como ferro fundido. Este é precisamente o momento para aplicar esforço, cultivar a prática e nutrir a realização.

Depois disso, podes acender a Lâmpada Inesgotável e trilhar o Caminho sem obstruções. Entregas o corpo e a vida para resgatar os seres vivos. Permites que saiam das suas gaiolas e eliminem os seus apegos e grilhões. Curá-los da doença de se apegarem à própria iluminação, para que, tendo saído do poço profundo da libertação, possam tornar-se pessoas do Caminho não forçadas, sem entraves, vivas e alegres.

Assim, quando tu próprio tiveres atravessado, não deves abandonar a realização dos votos de bodhisattva. Deves manter a mente fixa em salvar todos os seres, suportando com firmeza as dificuldades e trabalhos decorrentes, para servires como um barco no oceano de todo-o-conhecimento. Só então estarás em alguma consonância com o Caminho.

Não sejas um pilar quebradiço nem uma lâmpada fraca. Não andes a brincar com a tua pequena esfera limpa de experiência mística interior. Podes até ter compreendido por ti mesmo — mas de que serve isso?

Por isso, os antigos dignos exortavam necessariamente as pessoas a percorrer o único caminho da via do bodhisattva, para que pudessem retribuir a benevolência impossível de retribuir dos nossos predecessores iluminados que comunicaram o Dharma ao mundo.

Hoje em dia, há muitos monges Zen inteligentes, em várias regiões, que querem atravessar diretamente. Alguns procuram demais e querem compreender facilmente. Assim que percebem um pouco sobre o objetivo do Caminho e como avançar, querem logo mostrar-se como adeptos. Mas já se perderam e erraram. Alguns não se apresentam mesmo quando são empurrados a fazê-lo — e esses também ainda não estão completamente iluminados.

És mestre nos métodos de ensino budistas apenas quando consegues reconhecer os momentos certos e os padrões das condições causais e consegues não desperdiçar verdadeiras oportunidades de ensino.

Tesouro Escondido

Os de espírito corajoso que vestem o hábito remendado possuem um aspeto notável e extraordinário. Com grande determinação, renunciam à sociedade convencional. Olham para o estatuto mundano e para a fama efémera como pó ao vento, como nuvens que passam, como ecos num vale.

Como já possuem grandes faculdades e grande capacidade herdadas do passado, sabem que este nível existe, e transcendem nascimento e morte, indo

além de santo e profano. Esta é a verdadeira essência indestrutível que todos os iluminados de todos os tempos testemunham, a mente maravilhosa que apenas as gerações de mestres iluminados transmitiram.

Para trilhar este caminho único, para ser um elefante perfumado ou uma ave gigante de asas douradas, é preciso atravessar as milhões de categorias e tipos e voar acima delas, cortar o fluxo e roçar o céu. Como poderiam os iluminados querer ser criaturas pequenas, confinadas nas distinções de alto e baixo, vitória e derrota, tentando inutilmente fazer juízos comparativos sobre experiências instantâneas, e sendo completamente virados pelo ganho e pela perda?

Por isso, antigamente, os de grande iluminação não prestavam atenção a assuntos triviais nem aspiravam ao superficial e facilmente acessível. Despertavam a determinação para transcender budas e patriarcas. Queriam assumir a pesada responsabilidade que ninguém pode assumir plenamente — resgatar todos os seres vivos, remover o sofrimento e trazer paz, esmagar a ignorância e a cegueira que obstruem o Caminho. Queriam quebrar as flechas venenosas da insensatez ignorante e retirar os espinhos das visões arbitrárias do olho da realidade. Queriam tornar clara a paisagem do terreno fundamental e revelar o rosto original antes do vazio eterno.

Deves treinar a mente e valorizar a prática efetiva de todo o coração, exercendo todo o teu poder, sem recuar perante o frio ou o calor. Vai ao lugar onde meditas e mata o teu macaco mental e abate o teu cavalo intelectual. Torna-te como uma árvore morta, como um cepo seco.

De repente, penetras — como poderia ser algo recebido de outro? Descobres o tesouro escondido, acendes a lâmpada no quarto escuro, lanças o barco pelo centro do vau. Experimentas a grande libertação e, sem produzir um único pensamento, atinges imediatamente o verdadeiro despertar. Tendo passado pelo portão para a verdade interior, ascendes ao lugar da luz universal. Então sentas-te no assento supremo, impecavelmente puro, do vazio de todas as coisas.

Ao agir como mestre iluminado, com vagas ondulantes no oceano da fala, libertas as capacidades de compreensão e eloquência sem obstáculos. Com discípulos escolhidos, crias uma situação ou proferes uma frase para revelar perceções extraordinárias. Fazes com que todos os seres, sejam comuns ou sábios, sencientes ou insencientes, se voltem para a luz imponente e recebam a sua proteção.

Mas este ainda não é o estágio da realização sem esforço. Deves ir mais além — até onde mil sábios não te conseguem aprisionar, onde miríades de seres

conscientes não têm como olhar para ti, onde os deuses não têm como oferecer-te flores e onde demónios e externos não podem espiar-te. Deves largar conhecimentos e visões, descartar mistérios e maravilhas e abandonar todas as ações artificiais. Simplesmente comes quando tens fome e bebes quando tens sede, e nada mais.

Neste estágio, nunca tens consciência de ter mente ou de não ter mente, de ganhar atenção plena ou de a perder. Então, como poderias ainda apegar-te ao que antes aprendeste e compreendeste, a "mistérios" e "maravilhas" e análises da natureza essencial, às amarras de nomes e formas e opiniões arbitrárias?

Como poderias ainda apegar-te a visões de "Buda" ou de "Dharma", ou a conhecimentos e intelectos mundanos arrebatadores? Estarias a amarrar-te e a aprisionar-te, a contar grãos de areia no oceano — de que serviria?

Todos os que são verdadeiramente grandes devem esforçar-se por superar os obstáculos da ilusão e da ignorância. Devem esforçar-se por abalar as multidões da sua complacência e por cumprir a sua própria intenção e votos fundamentais. Só assim serás um verdadeiro homem do Caminho, sem ação fabricada e sem preocupações, um genuíno Viajante do Caminho de grande mente, grande visão e grande libertação.

Um Lótus no Fogo

Não direi que aqueles que, nos tempos recentes, estudam o Caminho não se esforcem. Mas, muitas vezes, limitam-se a memorizar histórias Zen e a tentar julgar mestres antigos e modernos, escolhendo e rejeitando palavras e frases, criando racionalizações complicadas e aprendendo slogans gastos. Quando acabarão com isso? Se estudares Zen assim, tudo o que conseguirás será uma coleção de velharias e curiosidades.

Quando "procuras a fonte e investigas o fundamental" desta maneira, estás apenas a subir ao topo do poste da tua própria mente e imaginação. Se não encontrares um adepto, se não tiveres vontade indomável, se nunca recuares para dentro de ti e trabalhares o teu espírito, se não largares todo o teu conhecimento e visões, anteriores e posteriores, sobre maravilhas insuperáveis, se não te libertares diretamente de tudo isto e compreenderes as condições causais do grande assunto fundamental — então é por isso que ainda estás a meio caminho, a ficar para trás, incapaz de distinguir e compreender com clareza. Se continuares assim, mesmo que te esforces diligentemente toda a vida, ainda não verás a fonte fundamental nem em sonhos.

É por isso que o homem antigo disse: "A iluminação está para além das

explicações verbais — nunca houve quem a ‘alcançasse’.”
Deshan disse: “A nossa escola não tem expressões verbais nem uma única coisa ou ensinamento para dar às pessoas.”
Zhaozhou disse: “Não gosto de ouvir a palavra ‘buda’.”

Vê como, ao negar verbalmente as explicações verbais, já tinham espalhado pó e confundido as pessoas. Se continuares a procurar mistérios e maravilhas nos golpes, gritos, expressões faciais, olhares e gestos dos mestres Zen, cairás ainda mais fundo no covil das raposas selvagens.

O que é importante nesta escola é que a iluminação seja clara e completa, como a montanha de prata e a muralha de ferro, erguendo-se solitária e íngreme, a muitos quilómetros de altura. Como esta realização é súbita como faísca ou relâmpago, quer tentes compreendê-la ou não, cais logo num fosso. Por isso, desde tempos imemoriais, os adeptos guardaram esta única revelação, e todos chegaram juntos à mesma realização.

Aqui, não há onde te agarrares. Quando consegues clarear a mente e abandonar todos os enredos, e estás a cultivar a prática apoiado num amigo espiritual iluminado, seria realmente lamentável não teres paciência suficiente para atingir o nível onde incontáveis dificuldades não se aproximam de ti, e para aí deitares corpo e mente e investigares até penetrares por completo.
Ao longo de milhares de vidas e centenas de éones até agora, houve alguma vez descontinuidade na realidade fundamental? Uma vez que não houve descontinuidade, que nascimento e morte, que idas e vindas existem para duvidares? Obviamente, estas coisas pertencem ao domínio das condições causais e não têm absolutamente ligação alguma com o assunto fundamental.

O meu mestre Wuzu costumava dizer: “Estou aqui há cinco décadas e vi milhares e milhares de seguidores do Zen aproximarem-se do canto do meu assento de meditação. Todos procuravam tornar-se budas e expor o budismo. Nunca vi um único verdadeiro portador do hábito remendado.” Quão verdadeira é esta afirmação! Olhando para o presente, até quem expõe o budismo é difícil de encontrar — quanto mais pessoas genuínas. A era está em declínio e os sábios cada vez mais distantes. Em toda a vasta terra da China, a linhagem de Buda está a morrer diante dos nossos olhos. Podemos encontrar uma pessoa ou meia pessoa que pratique o Dharma, mas não ousaríamos esperar que fossem como os grandes exemplos de iluminação, os “dragões e elefantes” de outrora.

Ainda assim, se simplesmente souberes os procedimentos e objetivos da aplicação prática do Dharma e levares a cabo o processo corretamente, do início ao fim, já estarás a produzir um lótus no meio do fogo.

Deves pôr de lado todas as condições que te prendem. Então, conseguirás perceber o conteúdo interior da grande iluminação que nos chegou desde a antiguidade. Está em paz onde quer que estejas e mantém a prática secreta, contínua e íntima. Os devas não terão estrada para lançar flores, e demónios e externos não conseguirão encontrar as tuas pegadas. Isto é deixar verdadeiramente o lar e compreender-se plenamente a si próprio.

Se, depois de alcançares este nível, surgirem circunstâncias resultantes de mérito que te levem a estender a mão para comunicar iluminação a outros, isso não seria inapropriado. Como disse Buda: “Aceita simplesmente a verdade; certamente não serás enganado.”

Mas mesmo eu falar assim é como um homem de terra de salteadores despedir-se de um ladrão.

Trazer à Luz o Tesouro da Família

Se queres alcançar a Intimidade, a primeira coisa é: não a procures. Se a alcanças através da procura, já caíste na compreensão interpretativa.
Isto é ainda mais verdadeiro porque este grande tesouro se estende por todos os tempos, claramente evidente, vazio e luminoso. Desde o tempo sem princípio que é a tua própria raiz básica: dependes inteiramente do seu poder em todas as tuas ações.

Só passarás para a liberdade quando parares e desistires ao ponto de nem um único pensamento nascer. Então penetrarás sem cair no sentido e na matéria, e sem permanecer em conceptualizações e imagens mentais.
Quando transcendes completamente tudo isto, o mundo inteiro deixa de o ocultar. Tudo, em toda a parte, se torna a sua Grande Função, e cada coisa flui do teu próprio peito. Os antigos chamavam a isto trazer à luz o tesouro da família. Uma vez atingido, é atingido para sempre. Como poderia alguma vez esgotar-se?

Tem apenas cuidado para que a tua investigação não se apoie num alicerce firme — pois assim não conseguirás penetrar até à realização. Deves cortar corajosamente todos os enredos, para que não haja a mínima dependência ou apoio. Renuncia ao corpo e entrega a vida, aceitando diretamente a tal-qualidade que tens diante de ti — não há outra. Então, mesmo que mil sábios se apresentassem, não te mudariam em nada. Entregando-te ao fluxo em todos os momentos, comendo e vestindo-te, nutres até à maturidade o embrião da santidade, sem te fixares na compreensão intelectual. Não é isto um ensinamento especialmente excelente e o atalho mais essencial?

Um Barco Carregado de Luz da Lua

Os primeiros sábios viveram com a máxima frugalidade, e os antigos dignos superaram dificuldades e viveram austeramente. Purificaram a sua vontade nisto, esquecendo a comida e o sono. Estudaram com total concentração e foco preciso, buscando a verdadeira realização. Como poderiam eles ter andado a fazer planos para boa comida, belas roupas, habitação luxuosa e medicamentos requintados?

Quando o Caminho já não é tão bom como nos tempos antigos, surgem críticas de que a roda do Dharma deixou de girar e de que a roda da comida passou a ter prioridade. Por isso, nos mosteiros Zen, chamam “chefes de cozinha” aos seus anciãos. Não é isto o completo oposto do antigo modo?

Ainda assim, no portão de mudar conforme as condições, também seguimos o nível secundário: “No monte do norte, acolhendo viajantes de todas as direções, olhamos para os campos do sul.”

Neste outono, por acaso, há uma grande colheita. Pedimos que supervisionasses a ceifa e, agora que estás prestes a partir, pediste algumas palavras de instrução. É por isso que te falei sobre as circunstâncias anteriores. O importante é respeitar a raiz e estendê-la aos ramos. Assim beneficiarás raiz e ramos e iluminarás também a tarefa legítima e fundamental de pessoas de completa iluminação e mestria abrangente. Se trabalhares arduamente para cumprir isto, certamente melhorarás.

Em geral, para estudar o Caminho e procurar o Mistério, deves ter uma grande base de fé. Usas esta fé para acreditar, de forma profunda, que esta questão não está nas palavras nem em qualquer dos miríades de estados experienciais. Na verdade, o Caminho está exatamente onde te encontras.

Põe de lado a mente insana e falsa que tem forjado o teu conhecimento e entendimento, e faz com que absolutamente nada pese sobre ti. Assume plenamente esta questão na tua perfeita e maravilhosa natureza inerente, fundamentalmente pura e silenciosa. Sujeito e objeto são ambos esquecidos, e a estrada das palavras e pensamentos é cortada. Atravessas e vês claramente o teu rosto original. Faz com que, uma vez encontrado, fique para sempre, sólido e imóvel.

Depois disso, podes mudar o passo e transformar a tua existência pessoal. Podes falar e agir sem cair nos reinos das ilusões de forma, sensação, conceção, avaliação e consciência. Então, todos os fenómenos da iluminação aparecerão diante de ti em ordem regular. Chegarás ao estado em que tudo o que fazes ao andar e ao sentar é Zen. Cortarás a raiz do nascimento e da

morte e abandonarás para sempre tudo o que cobre e prende. Tornar-te-ás um viajante livre e despreocupado, sem necessidade de andar à procura das palavras mortas de outra pessoa.

“Há mestres ancestrais na ponta das cem ervas.” Com estas palavras, Jiashan indicou-o para que as pessoas pudessem conhecê-lo. Kuanping disse: “O grande sentido está ali nos campos.” Baizhang estendeu as mãos, querendo que as pessoas percebessem. Se conseguires tornar-te redondo e completo como um grão de arroz maduro, esta é a transmissão do selo da mente. Se ainda anseias por uma vida tranquila, isso fará com que experimentes a primeira nobre verdade — que existe sofrimento. Mas como falarás de sair das ervas daninhas? “Um barco carregado de luz brilhante da lua leva-o de volta.”

Verdade e Perceção

A perceção presente é a Verdade, mas a Verdade está para além desta perceção. Se te apegas à perceção, então é perceção — não é a chegada à Verdade. Aqueles que chegam à Verdade transcendem a perceção, mas conseguem usá-la sem nela permanecer. Quando atravessas diretamente a perceção e te libertas dela, tudo é a Verdade fundamental.

Esta Verdade não é ser nem não-ser. Não é fala nem silêncio. E, no entanto, pode manifestar tanto o ser como o não-ser, tanto a fala como o silêncio. É sempre constante e imutável.

Por isso Yunmen disse: “Não pode ser existente quando falas dela e inexistente quando não falas; nem existente quando pensas nela e inexistente quando não pensas.”

Deves chegar subtilmente a esta Verdade e obter a sua grande função. Deixa sempre que a sabedoria transcendente apareça, quer fales quer estejas em silêncio, seja o que for que faças. Haverá necessidade de dizer que está perto quando estás na presença do mestre e longe quando estás no campo? Ao avançares diretamente, naturalmente a encontrarás onde quer que estejas. Todos os iluminados e mestres ancestrais levam esta única verdade muito a sério. Está difundida entre seres de todas as potencialidades, altas e baixas, nobres e humildes, sem preferências nem aversões. Está em todos os tipos de ação, naturalmente real, clara e completa.

Se fizeres da tua visão de “buddhadharma” e “maravilhas místicas” uma coisa especial, então há carência. Mas se fores capaz de evitar criar visões arbitrárias e fores assim limpo e nu, então estará totalmente revelada.

Se esta questão estivesse nas palavras, deveria ser definível numa única frase, sem mais alteração. Porque haveria, então, milhares e milhares de ditos

transmitidos por adeptos iluminados, sem fim à vista? Por isto sabemos que não está nas palavras — mas precisamos delas para ilustrar esta questão. Pessoas de espírito afiado devem compreender isto diretamente.

Os que realizam a transcendência atravessam palavras e frases e podem dar-lhes vida. Conseguem usar uma frase como cem mil, ou cem mil como uma. Porque haverias de ter mais dúvidas sobre ditos famosos do Zen como estes: "A mente em si é buda"; "Não é mente, não é buda"; "Não é mente, não é buda, não é coisa alguma"; "A mente não é buda, o conhecimento não é o Caminho"; "O Monte Leste caminha sobre a água"; "Toca o sino da meia-noite ao meio-dia"; "Um burro come erva no quintal"; "Esconde o teu corpo na Ursa Maior"? Todos estes ditos estão enfiados no mesmo fio.

O venerável Yanyang perguntou a Zhaozhou: "Quando não se traz uma única coisa, então o quê?" Zhaozhou disse: "Larga-a." Yanyang perguntou: "Se não trago uma única coisa, o que devo largar?" Zhaozhou disse: "Vejo que não consegues largar." Ao ouvir estas palavras, Yanyang iluminou-se grandemente.

Mais tarde, Huanglong escreveu um verso para acompanhar esta história:
Não trazendo uma única coisa
Não consegue levantá-la nem com ambos os braços
Um homem de olhos claros como Zhaozhou é difícil de encontrar
Com uma só palavra, Yanyang percebeu o seu erro
Se recuasse, cairia num poço profundo
No seu coração havia uma alegria sem limites
Como a de um pobre a encontrar uma joia
Uma vez esquecido o veneno, não há ligação
Serpentes e tigres tornaram-se seus amigos íntimos
Espécies diferentes, igualmente compreendidas
Ao longo dos séculos solitários
O Vento Puro nunca cessou.

Se discutires a resposta de Zhaozhou, "Larga-a", segundo o senso comum, Yanyang disse que não trazia uma única coisa — então como poderia Zhaozhou dizer-lhe para largar?

Assim, percebemos que o olho da realidade objetiva ilumina as mais finas subtilezas: Zhaozhou expôs a grave doença de andar por todo o lado a carregar as perceções condicionadas, fazendo Yanyang começar a sentir vergonha. Mas Yanyang ainda não percebeu o que Zhaozhou queria dizer, e por isso insistiu na pergunta. Zhaozhou voltou a apontar o erro e, nesse momento, Yanyang dissolveu-se e ficou finalmente livre por completo. Mais tarde, Yanyang chegou ao ponto de conseguir domar tigres selvagens e

serpentes venenosas. Não é este um caso de sentimento interior e resposta exterior?

Layman Pang estava com toda a família sentada à volta do fogo. De repente disse: “Difícil, difícil — dez alqueires de linho de óleo espalhados numa árvore.” A senhora Pang disse: “Fácil, fácil — na ponta das cem ervas, o sentido do Zen.” A filha deles, Lingzhao, disse: “Nem difícil, nem fácil — comer quando se tem fome, dormir quando se tem sono.”

Quando conto esta história às pessoas, a maioria prefere a observação de Lingzhao por poupar energia, e rejeita o que o Velho Pang e a Velha Pang disseram sobre difícil e fácil. Isto não passa de “fazer interpretações seguindo as palavras”. Pensar assim é estar longe de chegar à raiz do desígnio fundamental.

É por isso que “o surgimento das marcas das palavras é a origem dos caminhos que se desviam da Verdade”.

Só se conseguires esquecer as palavras e corporizar o sentido é que verás como estes três mestres Zen estenderam cada um uma mão e juntos sustentaram o cesto sem fundo, como peneiraram mexilhões e amêijoas. Verás como, a cada movimento, tinham a capacidade de matar os falsos eus e perceções condicionadas das pessoas, e como, em cada lugar, tinham um caminho para sair.

Apontar Diretamente

Quando Bodhidharma veio do Ocidente trazer a transmissão Zen à China, não estabeleceu fórmulas escritas ou faladas — apenas apontou diretamente para a mente humana.

Se falamos de apontar diretamente, isto refere-se apenas ao que é inerente a todos: toda a essência manifesta-se responsivamente a partir da concha da ignorância. Não é diferente nas pessoas comuns do que em todos os sábios desde tempos imemoriais. É o que chamamos a natureza inerente, real e natural, fundamentalmente pura, luminosa e sublime. Engole e cospe todo o espaço. É um único domínio sólido que se destaca sozinho, livre dos sentidos e dos seus objetos.

Basta desprender-se dos pensamentos e cortar os sentimentos e transcender as convenções comuns. Usa o teu próprio poder inerente e assume a sua grande capacidade e grande sabedoria exatamente onde estás. É como largar quando estás suspenso de um penhasco de mil metros — soltar o corpo e já não depender de nada.

Despede-te totalmente dos obstáculos das visões e compreensões, de modo a seres como alguém que morreu a grande morte. A respiração cessa, e chegas à grande cessação e ao grande repouso, sobre o terreno fundamental. Os teus sentidos não têm sequer indício disto, e a consciência, perceções, sentimentos e pensamentos não alcançam tão longe.

Depois disso, nas cinzas frias do fogo extinto, tudo está claro por toda a parte, e entre os cepos das árvores mortas tudo é iluminado. Então fundes-te com a transcendência solitária e chegas a alturas inatingíveis. Já não precisas de procurar a mente nem o buda — cruzas-te com ambos onde quer que vás, e não vêm de fora.

As centenas e milhares de aspetos e facetas da iluminação desde tempos imemoriais são apenas isto. Isto é mente — não há necessidade de continuar a procurá-la. Isto é buda — porque continuar a lutar para encontrar o buda? Se fazes slogans baseados em palavras e brotam interpretações a partir de objetos, cais no saco das velharias e nunca conseguirás encontrar o verdadeiro reino da consciência absoluta para além dos sentimentos.

Neste estágio, és livre para avançar pelo campo selvagem sem escolher, apanhando o que te vier à mão: o sentido dos mestres ancestrais é claro em tudo o que aí cresce. Além disso, os bosques de bambu verde e as massas de flores amarelas, as cercas, paredes, telhas e seixos são coisas inanimadas a ensinar o Dharma. As aves aquáticas e os bosques de árvores expõem as verdades do sofrimento, do vazio e da ausência de eu. Baseados na única realidade verdadeira, estendem uma compaixão sem objeto e, a partir da grande luz-jóia do nirvana, revelam poderes não fabricados e extraordinários.

Changqing disse: “Quando encontrares um companheiro no Caminho, fica ombro a ombro e segue: assim estará cumprida a tarefa de uma vida de estudo.”

Realidade Iluminada e Fenómenos Mundanos

Todas as coisas estão estabelecidas sobre uma base de não permanência. Essa base de não permanência assenta na própria não permanência. Se conseguires realizar isto plenamente, então todas as coisas são uma Só Talidade, e não encontrarás sequer o mais pequeno sinal de permanência.

A totalidade das tuas atividades e comportamentos presentes é não permanente. Quando a base te ficar clara, será como se o sol brilhasse intensamente, revelando todas as cores e formas. Não é isto a fonte da sabedoria transcendente?

Yongjia disse: “Sem deixar onde quer que estejas, há clareza constante.”

Nenhuma palavra se aproxima mais da verdade. Se começares a procurar, já sabemos que não és capaz de ver. Corta qualquer dualidade entre “onde estás” e “clareza constante”, e mantém-te pacífico e sereno. Evita criar compreensões intelectuais e buscas. Assim que procuras, é como agarrar sombras.

Layman Pang perguntou a Mazu: “Quem é aquele que não faz companhia às miríades de coisas?” Eu digo-te: vira a luz e reflete de volta sobre ti mesmo para ver.

Mazu respondeu: “Quando beberes toda a água do Rio Oeste num só gole, então eu digo-te.” Esta resposta foi como um pilão de oito faces a mover-se pelo espaço.

Se conseguires lidar com isto e penetrar, o que vês diante dos olhos entrará em equilíbrio, e as ilusões que te afligem desde o tempo sem princípio serão lavadas.

Deshan acenou com um leque do outro lado do rio, e alguém compreendeu imediatamente. O monge do Ninho de Pássaro soprou sobre um cobertor e alguém iluminou-se. Não mostra isto que, quando chega o tempo desta Grande Causa, as raízes e rebentos crescem por si? Não confirma isto que há espaço para a ação do mestre e a resposta do aprendiz se encontrarem? Não prova isto que, quando os envolvidos praticam interiormente e sem interrupção, podem ser ativados por um mestre genuíno?

Quando confias totalmente na mente e vês a sua verdadeira natureza, então não há a mínima fuga nas atividades diárias. A totalidade dos fenómenos mundanos é o buddhadharma, e a totalidade do buddhadharma é fenómenos mundanos — são igualmente Uma Só Talidade.

Como poderia estar presente quando falas dela e ausente quando não falas, ou presente quando pensas nela e ausente quando não pensas? Se for assim, então estás mesmo no meio da imaginação falsa e das interpretações emocionais — quando alguma vez experimentaste uma realização penetrante?

Quando há consciência contínua de momento mental em momento mental, sem deixar nada de fora, e realidade mundana e realidade iluminada não estão separadas, tornar-te-ás naturalmente puro e maduro, encontrando a Fonte por todos os lados. Se alguém fizer perguntas, respondes conforme a pergunta; se

não houver perguntas, permaneces claro e sereno. Não é esta a orientação essencial para atravessar realmente nascimento e morte até à liberdade?

Quando passas pela Última Palavra, já nem precisas de “ver através” de fala e não-fala, transcendência e acomodação, provisório e real, iluminação e função, dar e tirar. Quem reconhece a mestria de um grande mestre Zen como Zhaozhou? Para tal, tens de ser um rebento da nossa casa.

Esta Grande Causa

Antigamente, sempre que mestres e discípulos se encontravam, era por causa desta Grande Causa, e nunca deixavam de a usar para inspirar e elevar. Mesmo ao comer, dormir ou descansar, estavam sempre com a mente concentrada nela.

Por isso conseguiam encontrar-se em potencial numa palavra ou frase, num golpe ou grito, ou em qualquer momento ou atividade. Com sinceridade e foco concentrado, e sem tanta contaminação por ideias e perceções erradas, conseguiam abordá-la diretamente e não parecia difícil.

Hoje, os irmãos andam dispersos e apáticos, misturados com preocupações diversas. Mesmo estudando com um mestre iluminado e sob a sua influência por muito tempo, ainda hesitam e vacilam, sem conseguir avançar diretamente para a realização penetrante. O problema é a falta de pureza e de foco a longo prazo.

Se conseguires trabalhar arduamente no Caminho dia e noite, sem te importares com comida e sono, não temas que não igualarás os antigos.

Encontrar a Fonte por Todos os Lados

Aqueles que estão determinados a praticar o Caminho praticam consciência e compreensão pessoal vinte e quatro horas por dia. Pensam nisto e focam-se nisto. Sabem que a única Grande Causa está exatamente onde estão, que está nos sábios sem aumento e nas pessoas comuns sem diminuição. Sabem que se mantém sozinha, livre dos sentidos e dos seus objetos, e que transcende em muito as coisas materiais.

Os viajantes do Caminho não estabelecem locais fixos para nada do que fazem. São claros e tranquilos, com concentração sólida, e as miríades de mudanças e transformações nunca os perturbam. Respondem às condições e agem conforme os acontecimentos, sem deixar nada incompleto.

Deves apenas estar vazio e quieto, transcendendo tudo. Quando a base

principal se torna clara, todas as obscuridades se iluminam. “Dez mil anos, um único pensamento. Um único pensamento, dez mil anos.” Descendo das alturas aos abismos, a grande função de todo o potencial entra em operação. É como quando um homem forte dobra o braço: não depende da força de mais ninguém. Então, as viseiras ilusórias do nascimento e da morte desaparecem para sempre, e só se mostra a verdadeira essência, indestrutível como diamante. Uma vez realizada, é realizada para sempre — não há interrupção.

Tudo o que mestres iluminados, antigos e modernos, disseram e fizeram — os ensinamentos escritos, as histórias de iluminação, as histórias de meditação, as sessões de perguntas e respostas, todas as funções de ensino — tudo isto ilumina apenas esta verdadeira essência.

Se conseguires ser livre e claro na prática real durante muito tempo, naturalmente encontrarás a Fonte por todos os lados e tornar-te-ás uno e inteiro.

Não viste o verso de Fadeng?
Indo para um campo selvagem, sem escolher,
Apanhando a planta que vier à mão,
Sem raiz, mas encontrando vida,
Fora do chão, mas sem cair.
Mesmo diante dos teus olhos, sempre lá esteve. Perante a situação, porque não falas?
Se não o conheces na vida diária, onde é que o vais procurar? Descobre-o.

Verdadeiramente Genuíno

Agora, se os estudantes forem realmente genuínos, mestres de raiz podem tocar o seu potencial e ativá-lo com uma única palavra ou frase, ou com um único ato ou cena. O que poderia ser difícil nisso?

O único problema é quando as tuas faculdades estão instáveis e a consciência é superficial, agitada sem parar como o vento nas copas das árvores. A verdadeira realidade é-te mostrada milhares de vezes, mas ainda assim não consegues fundir-te com ela.

Ainda pior são aqueles que continuam presos a interpretações emocionais e afirmam que não existe tal coisa como entrada na iluminação. Se pensas assim, então mesmo em raríssimas ocasiões nunca sonharás com a verdadeira realidade.

Por isso, no estudo do Caminho, o mais valioso é ser verdadeiro e sincero.

Sereno e Livre

Quem estuda o Caminho começa por ter a fé de se voltar para ele. Está farto das aflições e da imundície do mundo e teme sempre não conseguir encontrar uma porta de entrada.

Uma vez que foste orientado por um mestre ou descobriste por ti mesmo a mente real, originalmente completa por inerência, então, independentemente das circunstâncias que encontres, saberás por ti próprio onde está a realidade.

Mas, se te agarrares a essa mente real, o problema é que não conseguirás sair, e ela tornar-se-á um ninho. Estabeleces “iluminação” e “função” em atos e estados, resfolegas, bates palmas, arregalas os olhos e levantas as sobrancelhas, encenando deliberadamente um espetáculo.

Quando voltares a encontrar um verdadeiro perito da escola, ele removerá todo esse conhecimento e compreensão para que te fundas diretamente com a realização do estado original, não fabricado, sem preocupações. Depois disto, sentirás vergonha e arrependimento, e saberás parar. Prosseguirás até desaparecer completamente, de modo que nem os sábios te encontrem a surgir em lado nenhum, muito menos qualquer outra pessoa.

Por isso Yantou disse: “Aqueles que realmente o realizam mantêm-se sempre serenos e livres, sem desejos e sem dependências.” Não é esta a porta da paz e da felicidade?
Antigamente, Guanxi foi a Moshan. Moshan perguntou: “De onde acabas de vir?” Guanxi disse: “Da boca do caminho.” Moshan disse: “Porque não a cobriste?” Guanxi não respondeu.

No dia seguinte, Guanxi perguntou: “Como é o reino do Monte Moshan?” Moshan disse: “O pico não se mostra.” Guanxi perguntou: “Como é o homem na montanha?” Moshan disse: “Sem características de macho ou fêmea.” Guanxi perguntou: “Porque não te transformas?” Moshan disse: “Não sou espírito nem fantasma — em que me transformaria?”

Não estavam os adeptos Zen destas histórias a pisar o chão da realidade e a alcançar o nível de quem se mantém como uma muralha de quilómetros de altura?

Assim se diz: “Na Última Palavra, finalmente alcanças a barreira impenetrável. Segurando a travessia essencial, não deixas passar nem santo nem profano.” Já que os antigos eram assim, como é possível que nós, pessoas modernas, estejamos em falta?

Felizmente, existe a indestrutível espada de diamante da sabedoria. Tens de encontrar alguém que a conheça intimamente e então poderás trazê-la à luz.

Meditação Ativa

Os antigos trabalhavam arduamente por causa da única Grande Causa. A sua determinação é de facto digna de respeito, e serviram de exemplo eterno para as gerações seguintes.

Quando te sentas no banco de meditação, não é mais do que silenciar e esvaziar a mente, investigando com todo o teu ser. Basta tornar a mente e os pensamentos claros e imóveis. Um ótimo lugar para fazer meditação ativa é no meio da confusão e das perturbações. Ao praticar a meditação ativa, deves penetrar pelas alturas e profundidades, sem omitir nada. O ser essencial inteiro aparece pronto diante de ti, já não surgindo de mais lado nenhum. É apenas este único Grande Potencial, girando suave e continuamente. Para quê falar mais de “fenómenos mundanos” e “verdade iluminada”? Se mantiveres um equilíbrio uniforme ao longo de meses e anos, naturalmente a tua posição será verdadeira e sólida.

A realização virá como água despejada em água, como ouro trocado por ouro. Tudo será igualado numa Só Talidade, profundamente claro, real e puro. Isto é saber viver.

Basta não dares origem a um único pensamento: solta e torna-te cristalino. Assim que surgirem noções de certo e errado, eu e outro, ganho e perda, não as sigas. Então estarás a estudar pessoalmente com o teu verdadeiro mestre iluminado.

Se o fizeres, que preocupação pode haver de que este trabalho não se cumpra? Tens de ver por ti mesmo!

Como Ser um Bodhisattva no Lar

Esta questão é para pessoas de faculdades aguçadas e sabedoria superior, que não consideram difícil compreender mil coisas ao ouvir uma. Requer uma posição sólida e verdadeira e uma fé total.

Assim poderás manter-te firme, agir como mestre e fundir em um só todo todos os tipos de situações adversas e favoráveis, num conjunto como o espaço vazio, sem o mínimo obstáculo, profundamente claro, vazio e iluminado, que não muda mesmo ao longo de cem éones ou mil vidas, uno do princípio ao fim. Só assim encontrarás paz e tranquilidade.

Tenho visto muitas pessoas intelectualmente brilhantes, mas com faculdades instáveis e prática superficial. Pensam que testemunham transformação nas declarações verbais e assumem que não há forma de ir além do mundano.

Assim aumentam os espinhos da opinião arbitrária enquanto exibem a sua capacidade e compreensão. Aproveitam-se da sua agilidade verbal e pensam que o buddhadharma é isto. Quando surgem situações geradas por condições causais, não conseguem atravessar até à liberdade e acabam a oscilar de um lado para o outro. Isto é realmente lamentável!

É por isso que os antigos passaram por todos os tipos de experiências e enfrentaram todo o género de demónios e dificuldades. Podiam ser cortados em pedaços, mas nem pensavam nisso; tomavam conta da mente até ao fim, tornando-a tão forte como ferro ou pedra. Assim, quando se tratava de atravessar nascimento e morte, não desperdiçavam esforço. Não é aqui que reside a força especial e a generosidade para além do emocionalismo que as grandes pessoas verdadeiramente possuem?

Quando bodhisattvas que vivem a vida de leigos cultivam as práticas dos que deixam o lar, é como uma flor de lótus a florescer no fogo. Será sempre difícil domar a vontade de fama, estatuto, poder e posição — sem falar de todos os miríades de pontos de partida para a inquietação e turbulência que compõem a casa em chamas da existência mundana. A única via é tu próprio realizares a tua totalidade fundamental, real e maravilhosa, e chegares ao estágio de grande calma, estabilidade e repouso.

O melhor seria conseguires largar tudo e seres vazio e comum. Experimenta plenamente a ausência de mente condicionada e observa que todos os fenómenos são como sonhos e ilusões mágicas. Sê vazio de ponta a ponta e continua a limpar a mente conforme o tempo e a situação. Assim terás a mesma base correta de todos os grandes leigos iluminados da tradição budista.

Segundo a tua própria medida de força, transformarás os que ainda não estão iluminados para que possas entrar, juntos, no oceano não fabricado e desimpedido da verdadeira natureza. Então, a vida aqui na terra não será um desperdício.

Não Vem de Fora

O essencial no estudo do Caminho é aprofundar as raízes e fortalecer o caule. Sabe onde realmente estás, vinte e quatro horas por dia. Tem a máxima atenção. Quando nada ocupa a tua mente, tudo se funde harmoniosamente, sem limites — tudo é vazio e imóvel, e já não há dúvida nem hesitação em

nada do que fazes. Isto chama-se o assunto fundamental a aparecer pronto. Assim que dás origem à mais pequena perceção dualista ou compreensão arbitrária e queres dominar este assunto fundamental e agir como mestre, cais imediatamente no domínio dos agregados de forma, sensação, conceção, síntese de valor e consciência. Ficas preso a ver, ouvir, sentir e saber, ao ganho e à perda, ao certo e ao errado. Estás meio bêbado e meio desperto, incapaz de limpar tudo isto.

Falando claramente: tens de manter-te concentrado mesmo no meio do clamor e tumulto, agindo como se não houvesse absolutamente nada a acontecer, penetrando de alto a baixo. Tens de te tornar totalmente completo, sem formas nem aparências, sem desperdiçar esforço, mas sem estar impedido de agir. Quer fales ou estejas calado, quer te levantes ou deites, nunca é outra pessoa.

Se te apercebes de que estás preso ou bloqueado, isso é pensamento falso a funcionar. Torna-te completamente livre, como o espaço vazio, como um espelho límpido no seu suporte, como o sol a nascer a iluminar o céu.

Movendo-te ou parado, indo ou vindo, não vem de fora. Solta e torna-te independente e livre, sem ser preso pelas coisas e sem procurar escapar das coisas. Do princípio ao fim, funde tudo num só todo. Onde houve alguma vez fenómeno mundano separado do buddhadharma, ou buddhadharma separado dos fenómenos mundanos?

Por isso o fundador do Zen apontou diretamente para a mente humana. Por isso o Sutra do Diamante ensinou a importância de os seres humanos se desapegarem das formas. Quando um homem forte move o braço, não depende da força de mais ninguém — assim é estar desprendido das formas. Para desenvolver esta perceção essencial, é melhor passar muito tempo a voltar-te para dentro e investigar com todo o teu ser, para chegares ao estágio da experiência genuína da iluminação. É isto estudar com mestres iluminados ilimitados e infinitos, em todos os lugares e momentos.

Esforça-te sinceramente pela verdadeira fé e aplica-te diligentemente ao trabalho de meditação. Este é o melhor caminho para ti.

Abandonar os Enredos

Yantou disse: “Abandonar as coisas é superior; persegui-las é inferior.” Se o teu próprio estado for vazio e tranquilo, perfeitamente iluminado e silenciosamente brilhante, poderás enfrentar quaisquer circunstâncias que surjam diante de ti com a indestrutível espada da sabedoria, cortando tudo — desde os miríades de objetos que enredam até aos ensinamentos verbais do passado e do presente. Então, o teu espírito imponente e frio corta tudo, e tudo

recua por si, sem ter de ser empurrado. Não é isto ter abundância e recursos de sobra?

Se a base que estabeleces não for clara, se houver a mínima hesitação ou dúvida, serás arrastado por condições que enredam e, obviamente, não conseguirás separar-te delas. Como evitar ser virado por outras coisas? Quando segues outras coisas, nunca tens liberdade.

O Caminho Supremo é simples e fácil — é apenas uma questão de abandonares ou perseguires as coisas. Quem quiser experimentar o Caminho deve refletir profundamente sobre isto.

As pessoas de antigamente deram os seus corpos inteiros por esta única questão. Ficaram de pé na neve, trabalharam a pisar arroz, venderam o coração e o fígado, queimaram os braços, lançaram-se em fogos rugidores, foram desmembradas e cortadas em pedaços, alimentaram tigres e aves de rapina, deram cabeças e olhos, suportaram mil tipos de dor e sofrimento.

Em suma, se não suportares dificuldades, não chegarás a uma realização profunda. Aqueles com vontade para o Caminho devem certamente considerar os antigos como companheiros e aspirar a igualar o seu nível.

Encontrá-lo Onde Quer que Toques

Redondo e claro, vazio e imóvel — tal é a essência do Caminho. Estender e retrair, matar e dar vida — tal é a sua função maravilhosa.

Quando és capaz de caminhar na lâmina da espada, de perseverar e manter-te firme, quando és como uma pérola a rolar dentro de uma tigela e como uma tigela a fazer rolar uma pérola no seu interior, quando nunca cais na vaidade vazia nem por um instante, quando nunca separas fenómenos mundanos do budadarma, mas os fundes num só todo — isto chama-se encontrá-lo onde quer que toques. Apareces, desapareces e moves-te livremente em todas as direções, sem nunca haver nada externo. Estás limpo e nu, girando suavemente, selando tudo com o fundamental. Está claro por toda a parte, completo em tudo — quando houve alguma vez ganho e perda, afirmação e negação, bom e mau, longo e curto?

O único receio que deves ter é que o teu próprio olho correto ainda não esteja perfeitamente claro. Isso fará com que caias na dualidade e percas o contacto com a realidade. Não leste o que Yongjia disse? “As pessoas de primeira categoria têm uma realização decisiva e compreendem tudo. Nas de nível médio e baixo, quanto mais ouvem, mais não acreditam.”

Palavras e Verdade

Os ensinamentos verbais dos budas e mestres ancestrais são apenas uma armadilha. Servem como meio de entrada na verdade. Uma vez que tenhas aberto caminho até à iluminação clara e a tenhas assumido, então, na verdadeira essência, tudo está completo. Olharás para todos os ensinamentos verbais dos budas e mestres ancestrais como pertencentes ao domínio das sombras e dos ecos, e nunca os carregarás na mente.

Muitos estudantes de hoje não chegam à base do desígnio fundamental da escola Zen. Limitam-se a apegar-se às palavras e frases, tentando escolher entre elas, discutindo quão perto ou longe estão da verdade e distinguindo ganho e perda. Interpretam ensinamentos provisórios e fugazes como doutrinas reais e vangloriam-se do número de koans que conseguem examinar e de quão habilmente fazem perguntas sobre os ditos das Cinco Casas do Zen. Estão totalmente afundados na consciência emocional e perderam a verdadeira essência nas suas ilusões. Isto é realmente lamentável!

Um mestre Zen genuíno usaria qualquer meio necessário para os alertar do seu erro e libertá-los de todo o conhecimento e visão errados. Mas eles rejeitariam isto — chamá-lo-iam atividade mental fabricada para virar as pessoas e refiná-las. Assim, entram cada vez mais fundo na floresta de espinhos das visões erradas.

Como diz o ditado: “No fim, se não encontrares um adepto, à medida que envelheceres tornar-te-ás apenas um fóssil.”

Não deves depender nem do puro nem do impuro. Ter mente e não ter mente, ter visões e não ter visões — ambas as alternativas desaparecem como um floco de neve colocado sobre um ferro em brasa. Vinte e quatro horas por dia, de cima a baixo, és livre e sem entraves, vagueando por esta estrada que os mil sábios não partilham. Basta levares isto à pureza e maturidade completas, e naturalmente te tornarás uma pessoa real, para além do estudo e livre da atividade fabricada, uma pessoa real que milhares e dezenas de milhares não conseguem prender nem encurralar.

O Portão Além

Para onde estás a caminhar? Se soubesses tudo sobre as correntes ao conduzir o barco e conseguisses distinguir as ondas ao manejar os remos, que necessidade haveria de tanto esforço para admoestar e instruir? Poderias alcançar a compreensão completa num só golpe.

Assim, o vento sopra e o relâmpago ilumina — se hesitares, estás a mil milhas de distância. O ensinamento Zen é apenas para receber os rápidos, não para os ignorantes. Por isso, no Zen dizemos: “Lançamos o anzol nos quatro oceanos apenas para apanhar dragões ferozes. O engenho misterioso para além das convenções serve apenas para procurar os que sabem.”

Uma vez chegado ao Zen, ao observares tudo no mundo e para além do mundo, nunca houve qualquer mudança: vês tudo de cima a baixo. Então, sabes como renunciar ao corpo e à vida, e, no meio de todo o tipo de situações, permaneces calmo e inamovível. Serás sempre equânime, mesmo perante o poder do vento dos objetos, e estarás sempre à vontade, mesmo que sejas mergulhado em veneno.

Se não continuares a praticar, a nutrir e a desenvolver isto durante muito tempo, como poderás sustentar o sol e a lua do buddhadharma com grande visão e grande iluminação, aparecendo e desaparecendo livremente? Nunca houve neste estágio qualquer virar-se ou afastar-se: tens de abrir o portão além.

Caminhar no Chão da Realidade

Por causa deste Grande Ensinamento, os antigos renunciaram aos corpos e às vidas, suportaram trabalhos e sofrimentos infinitos e incalculáveis, até esclarecerem por completo a sua mensagem essencial e profunda.

Guardaram-na como uma joia preciosa e protegeram-na como aos olhos.

Trabalharam nela com diligência e nunca permitiram que fosse tomada de ânimo leve ou profanada.

Assim que surge o mais pequeno traço de compreensão especial, é como nuvens a cobrirem um céu limpo, como pó a toldar a superfície de um espelho. Assim, Zhaozhou disse: “Quando estive no sul, durante trinta anos, exceto nas horas de refeição, nunca usei a mente de forma misturada com preocupações mundanas.”

Caoshan instruía as pessoas a guardar este assunto com o mesmo cuidado de quem atravessa uma aldeia com poços envenenados e não pode deixar que nem uma gota de água contaminada lhes toque.

Ao esquecer a mente condicionada e cortar a consciência condicionada, chegas, na prática, ao verdadeiro reino da Talidade. Nada há na tua mente e nenhuma mente nas coisas: és equânime e livre de ações artificiais,

transcendente ao prosseguir sozinho.
Só quando caminhas pessoalmente sobre o chão da realidade podes ajudar outros, desfazendo pontos de apego e removendo amarras. Libertarás todos, embora na verdade não haja ninguém a libertar.
Deves pôr a Última Palavra em uso — então terás uma via de saída em tudo e por todo o lado.

Sempre Consciente

Os antigos estavam sempre atentos a esta questão. Quer nos vales profundos das montanhas, quer nas aldeias e vilas agitadas, nunca lhe voltavam as costas, nem por um instante. Quaisquer que fossem as cenas ou circunstâncias encontradas, no meio de sons e formas, no decorrer de movimentos e ações, invariavelmente voltavam-se e focavam-se novamente no seu verdadeiro eu. A prática de todos os adeptos, desde tempos imemoriais, que penetraram completamente, não foi outra senão esta.

Assim, com a sua base fundamental firme e forte, não eram levados pelo vento dos objetos. Estavam serenos e em paz, sem cair no âmbito dos sentimentos de sagrado e profano. Chegavam diretamente à grande cessação e ao grande repouso: “encontravam o assento e vestiam a túnica.”

Agora regressas à tua aldeia natal, capaz de ver como os antigos viam. Se conseguires torná-lo contínuo e ininterrupto, em que será diferente de quando estavas no mosteiro, guiado pelo abade e fazendo o teu trabalho de meditação? Se lhe voltares as costas de alguma forma, e houver quebra na continuidade, perderás o contacto.

Estamos prestes a separar-nos, por isso lembra-te destas palavras. Um dia, no futuro, não olhes para trás culpando-me por não te ter advertido.

Sê Indefinível

Para os estudantes da sabedoria mística, ver a verdadeira natureza das coisas, despertar para o padrão real e seguir os passos dos budas é o pão e água do quotidiano.

Deves compreender que, no topo da cabeça dos budas e adeptos iluminados, existe um modo maravilhoso de “mudar os ossos” e transformar a existência. Só então podes ir além de categorias convencionais e limites sectários, agindo como uma pessoa transcendente, de tal forma que até grandes mestres Zen como Linji e Deshan não teriam como aplicar os seus gritos ou golpes a ti.

Em todos os momentos, mantém-te livre e desprendido. Nunca exibas truques

engenhosos — sê como um camponês simples numa aldeia de três famílias. Assim, os deuses não terão caminho para te oferecer flores, e demónios ou forasteiros não conseguirão espiar-te.

Sê indefinível e não reveles sinais evidentes da tua realização especial. Que seja como se estivesses entre bens preciosos trancados e profundamente escondidos numa casa de tesouros. Com o rosto manchado de lama e cinzas, junta-te ao trabalho dos trabalhadores comuns, sem falar nem pensar.

Vive a vida inteira de forma que ninguém consiga decifrar-te, enquanto o teu espírito e mente permanecem em paz. Não é isto estar imbuído do Caminho sem ações artificiais, uma pessoa genuinamente despreocupada?

Entre os adeptos iluminados, poder falar da Verdade nada tem a ver com a língua, e falar do Dharma não depende das palavras.

É claro que as palavras dos antigos não eram para ser dependidas passivamente. Tudo o que diziam visava apenas que as pessoas experimentassem diretamente a realidade fundamental. Assim, os ensinamentos dos sutras são como um dedo a apontar para a lua, e os ditos dos mestres Zen como uma telha usada para bater à porta.

Se sabes isto, então descansa. Se a tua prática for contínua e meticulosa, de aplicação ampla e abrangente, sem dela te desviares ao longo dos anos, amadurecerás na capacidade de manejar os ensinamentos, recolher e largar, vendo através das coisas pequenas e cortando-as sem deixar rasto.

Então, quando chegares à encruzilhada de morte e nascimento, onde todas as linhas se cruzam, não te confundirás. Permanecerás claro e imóvel, e libertar-te-ás ao deixar esta vida para trás. Isto é o Zen no leito de morte, para o último dia da vida.

Concluir a Tarefa

Despertando por ti mesmo, antes do Buda Primordial, prossegues diretamente para a realização transcendente, na mesma estrada que os mil sábios. Podes largar e agir livremente, manter-te firme e absolutamente imóvel, agir como mestre. O Todo surge diante de ti, completo, sem necessidade de refinamento — torna-se naturalmente puro e maduro.

Depois do Buda Primordial, embora tenhas a tua independência, que aceitas diretamente até chegares ao estágio sem dúvida, ainda assim deves confiar num mestre para confirmar e aprovar a tua iluminação, tornando-te um

recipiente do Ensinamento. Caso contrário, certamente haverá demónios a destruir maliciosamente a base correta.

Por isso, desde os mestres ancestrais, o discípulo recebe e o mestre transmite, e o ensinamento do mestre tem valor supremo. Isto é especialmente verdadeiro neste assunto, que não pode ser compreendido pela inteligência mundana nem confinado à perceção e ao conhecimento.

A menos que tenhas o espírito ousado e feroz de uma pessoa de poder e consigas escolher um verdadeiro mestre iluminado como amigo espiritual, como cortarás o fluxo de nascimento e morte e romperás a concha da ignorância?

Se investigares e perguntares diligentemente por muito tempo, com concentração única, o tempo da frutificação chegará de repente — o fundo cai do balde e esvazias-te, despertando para a iluminação. Depois disso, trabalhas de todo o coração para arrancar o errado e assegurar o certo, comprovando a tua realização pela experiência. Então será como um barco a descer rio abaixo — sem necessidade de remar. Esta é a verdadeira união de mestre e discípulo.

Uma vez obtida a essência do ensinamento, concentra-te continuamente para que não haja quebras nem interrupções, permitindo ao embrião da sabedoria crescer e amadurecer. Então, mesmo perante más condições, poderás dissolvê-las com a visão verdadeira e o poder da concentração, fundindo tudo num só todo, para que as grandes mudanças de nascimento e morte não perturbem o coração.

Nutrindo a iluminação ao longo de muitos anos, tornas-te uma pessoa grandemente liberta, sem ações artificiais nem preocupações obsessivas. Não é isto ter cumprido o que havia para ser feito e completado a tarefa da jornada?

Ida e Volta

Este assunto reside na rapidez e acuidade da pessoa. Uma vez assumido e posto em prática, sabendo que tens o teu próprio lugar para estar, deves manter-te afastado e independente — ficar e ir sozinho. Deves cortar os sentimentos, desapegar-te da perceção e tornar-te vazio e silencioso, de forma que não haja uma única coisa a agarrar. Corta os inúmeros enredos e torna-te livre e sem entraves, atingindo o estágio de grande paz. Quando isto é contínuo e sem fugas, chama-se estar de pé como uma muralha de quilómetros, alta e íngreme.

Depois regressas ao mundo e respondes aos seres. Como nunca há sentido de

eu, como poderia haver reinos de som e forma, de adversidade e facilidade, de ilusão e iluminação?

O mais difícil é estar perfeitamente em repouso, sem ativar a faculdade conceptual. Se fores subitamente arrastado por ela, já houve fuga e demora. Deves continuar a concentrar-te para que a mente não se disperse. Após muito tempo, fundir-se-á num só todo. Aqui, enfim, encontras descanso.

Daqui ainda deves prosseguir até dominar a ação transcendente. Um antigo digno disse: “Encontra o assento e veste a túnica, e depois vê por ti mesmo.”

Lavado por Dentro

Ao visitar mestres iluminados e questioná-los, deves ver a verdadeira natureza e despertar para a verdade. Ao esqueceres diretamente os sentimentos e pôr fim às visões, ficas limpo por dentro. Tornas-te como um simples aldeão, sem calcular ganho e perda, sem disputar superioridade. Favorável ou adverso, cortas tudo e não deixas que continue. Após muito tempo assim, chegas naturalmente ao estágio onde não há ações artificiais nem preocupações.

Assim que tens o mínimo desejo de estar despreocupado, já surgiu uma preocupação. Uma vez que uma onda entra em movimento, seguem-se miríades — quando parará? Quando a morte chegar nesse estado, ficarás aflito e confuso, simplesmente porque não estás livre nem claro.

Basta tornares este trabalho seguro e verdadeiro, e naturalmente, mesmo num mercado barulhento, será silencioso e imóvel como água. Porque haverias então de não cumprir a tua tarefa?

Assim que há afirmação e negação, a mente perde-se em confusão. Quantos não começaram, com esta afirmação, a fazer julgamentos e argumentos! Se os cortares logo no início, penetras para o outro lado do Buda Primordial. Se seguires estas palavras, ficarás ainda mais confuso. Para o compreender, tens de virar a tua própria luz e olhar para trás.

O Eu e as Coisas

Todas as miríades de coisas não se opõem nem são contrárias ao teu verdadeiro eu. Passa diretamente para a liberdade e elas tornam-se um todo. Assim tem sido desde tempos sem início.

O único problema é quando as pessoas se colocam contra isso, rejeitando-o, impondo orientações de agarrar ou rejeitar, criando preocupação onde não há. É precisamente por isso que não vivem alegres.

Se conseguires cortar o apego externo aos objetos e esquecer internamente as falsas ideias de eu, as coisas são o verdadeiro eu, e o verdadeiro eu é as coisas: coisas e verdadeiro eu são uma só talidade, abrindo-se ao infinito.

Então, em todos os momentos, qualquer que seja a ação, ergue-se como uma muralha de quilómetros — onde está todo o incómodo e perturbação?

Vejo, repetidamente, estudantes antigos de Zen que, depois de muito tempo a congelar o espírito e a deixar a perceção assentar e clarear, embora tenham entrado no Caminho, aceitaram de imediato um único método ou estado, e agora agarram-se rigidamente a ele, sem permitirem que lhes seja retirado. Isto é realmente uma doença grave.

Para ter êxito, é necessário derreter e largar, atingindo espontaneamente um estado de grande repouso.

O Selo Secreto

Aqui, no meu lugar, não há Zen para explicar nem Caminho para transmitir. Embora quinhentos monges de túnica remendada estejam reunidos aqui, uso apenas a armadilha de diamante e o silvado de espinhos. Os que saltam da armadilha de diamante esforçam-se por saltar; os que engolem o silvado de espinhos engolem-no com cuidado. Não te surpreendas que não tenham sabor ou que sejam perigosos e íngremes.

Se de repente atinges a realização, é como voltar à aldeia natal em pleno dia, vestido de brocado: todos olharão para ti com admiração.

Na essência, não se encontra de onde isto vem: chama-se o assunto fundamental inerente a todos. Assim que intencionalmente procuras aceitá-lo ou tomá-lo, já não é o fundamental. Basta fazer cessar as miríades de impulsos, para que nem mil sábios te acompanhem — como poderia então haver dependência?

Deves largar tudo de imediato e penetrar na liberdade do outro lado. Por isso se diz: “Mesmo a menor coisa é pó; assim que ergues o intelecto, és assaltado pelos demónios da ilusão.”

Formar todas as coisas depende apenas disso; destruir todas as coisas também depende apenas disso.

O que deve ser formado e aperfeiçoado? As condições causais de excelência

especial, o tesouro de méritos e virtudes incontáveis como as areias, os incontáveis ornamentos maravilhosos e raridades que transcendem o mundo.

O que deve ser destruído e erradicado? A cobiça, a raiva e o ciúme, a consciência emocional e os apegos, as ações artificiais e impuras, a imundície e a confusão, os nomes e as formas e a via interpretativa, as visões arbitrárias e o conhecimento e os falsos sentimentos.

Isto pode transformar todas as coisas, mas nada pode transformá-lo. Embora não tenha forma nem rosto, contém todo o espaço. Abrange o comum e nutre o sagrado. Se tentares agarrá-lo através das formas, então, ao agarrar, cais nos espinhos das visões e nunca o encontrarás.

Foi esta mente maravilhosa que os budas revelaram e os mestres ancestrais apontaram diretamente. Quando a tomas diretamente, sem produzir um único pensamento, e penetras das alturas às profundezas, tudo aparece pronto. Aqui, onde aparece pronto, não exerces esforço mental: segues livremente o fluxo natural, sem agarrar nem rejeitar. Este é o verdadeiro selo esotérico.

Carregar este selo esotérico é como levar uma lâmpada escondida na escuridão, vagueando pelo mundo sem anseio nem medo — tudo é o domínio da tua grande libertação, prosseguindo para sempre sem interrupção.
Por isso se diz que o corpo dourado de dezasseis pés do buda funciona como uma brizna* de erva, e uma brizna de erva funciona como o corpo dourado de dezasseis pés do buda. Como poderia haver outra coisa?

(NT: Fio, ou fragmento pequeno de algo)

Este Lado e Aquele Lado

Vieste ao meu quarto e perguntaste sobre as questões em que tinhas dúvidas. Disseste: “Neste assunto, porque é que os mestres Zen falam frequentemente às pessoas de ‘este lado’ e ‘aquele lado’?” Então falei-te disto.

Ao cortar diretamente com base no fundamental, como poderia haver tal pluralidade? No entanto, os mestres Zen transmitiam vários ensinamentos expedientes e técnicas provisórias para ajudar as pessoas a entrar na experiência do Caminho. Assim impuseram esta divisão em “este lado” e “aquele lado”, embora na realidade não haja dualidade.

Não viste esta história? Um monge perguntou a Caoshan: “Os antigos defendiam ‘aquele lado’. Como devo aproximar-me disso?” Caoshan respondeu: “Recua para o teu verdadeiro eu e não perderás nada.” Ao ouvir isto, o monge teve uma perceção.

Isto é reconhecer a intenção no anzol que o mestre usa para “pescar” o verdadeiro potencial do discípulo, sem aceitar as marcas na régua de uma definição provisória como padrão absoluto.

Deves alcançar o limite do momento presente; só então podes assumir o assunto transcendente. Mas como alcançarás o limite do momento presente?

Tu próprio deves aplicar rapidamente as energias, largar os objetos sensoriais que enredam e tornar o coração livre e claro. Não estabelecendo nada, penetras de cima a baixo, tornando-te aberto, vazio e imóvel. Não interpretes isto como alguma experiência extraordinária. Basta esperar até estares em harmonia com o fundamental e naturalmente realizarás a iluminação por ti próprio, alcançando o reino da grande paz.

Como transmitir isto em palavras no papel? Procura vê-lo com os teus próprios olhos.

Paz Total

O caminho maravilhoso dos iluminados é reto e direto. Apontaram diretamente para a mente humana, para que víssemos a sua verdadeira natureza e alcançássemos a iluminação.

Esta fonte da mente é originalmente vazia e pacífica, clara e maravilhosa, livre do menor obstáculo. Mas cobrimo-la com falsos pensamentos e damos origem a impurezas e bloqueios neste que é livre de obstáculos. Viramos as costas ao fundamental e perseguimos o trivial, girando tolamente no ciclo da rotina.

Se tens grande capacidade, já não procurarás fora. Onde estás, aí mesmo surgirá a realização independente. Quando as viseiras transitórias da perceção falsa se dissiparem, a perceção correta original estará completa e maravilhosa. Isto chama-se a identidade de mente e buda.

A partir disto, uma vez realizado, está realizado para sempre. É como o fundo de um balde a cair: abres passagem e fundes-te com o Caminho, e nada mais ocupa a tua mente. Contemplando a essência, pura e imóvel, recebes o seu uso e já não tens dúvidas. Assim, quando um é compreendido, todos são compreendidos.

Quando ouves dizer que “não é mente, não é buda” e, ao encontrares situações favoráveis ou desfavoráveis, boas ou más, selas tudo com um único selo, como poderia haver eu ou outros, igual ou diferente? Como poderia haver tantos tipos de conhecimentos e visões confusas?

Assim, os dignos antigos alcançaram sinceridade e entraram na verdade em cada ato e em cada estado, em cada palavra e em cada silêncio. Mil métodos, dez mil portas — no fim, não há diferença. É como centenas e milhares de rios que regressam todos ao grande oceano.

Quando habitas espontaneamente em paz nisto e o podes usar de modo total e penetrante, então és uma pessoa do Caminho que nada mais tem para aprender, livre de ações artificiais e preocupações obsessivas. Vinte e quatro horas por dia não geras outros estados mentais nem dás origem a visões divergentes. Comes, bebes e vestes-te conforme a ocasião. És vazio e firme em todas as situações e nunca vacilas, nem mesmo ao fim de mil anos.

Quando estás neste estado de grande concentração, não será isto uma libertação inconcebível? Basta deixá-lo prosseguir por muito tempo, sem interrupção. Não caias no “interior” e “exterior” e “intermédio”. Não caias no ser e não-ser, no impuro e no puro. Cessa e desiste de imediato. Quando vês budas e seres sencientes como iguais e sem diferença, então, enfim, estás no estágio de paz e bem-aventurança totais.

Agora que tens a orientação correta, é apenas uma questão de a nutrir e de a tornar pura e madura. Continua a refiná-la e aperfeiçoá-la. Só quando fores como ouro fino fundido cem vezes poderás tornar-te um grande recipiente do Ensinamento.

Entrar no Caminho

O Tao é originalmente sem palavras, mas usamos palavras para o revelar. Aqueles que realmente incorporam o Tao penetram-no na mente e clarificam-no na própria base. Retiram milhares de camadas de camisas suadas coladas à pele e abrem passagem para despertar para a essência real, verdadeira e imutável, que é simplesmente como é: originalmente real, pura, luminosa e maravilhosa, totalmente vazia e absolutamente silenciosa.

Quando chegas ao ponto em que não nasce um único pensamento e antes e depois são cortados, caminhas pela paisagem do terreno fundamental. Todas as perceções e visões erradas de eu e outro, de “é” e “não é”, que constituem a mente impura de nascimento e morte, já não estão lá. Estás completamente limpo e purificado, e tens certeza total. Então não és diferente de todos os outros iluminados desde tempos imemoriais.

Estás em paz, sem fabricar nada, sem te apegares a nada, penetrando tudo livremente por seres vazio, perfeitamente fundido com tudo, sem fronteiras. Comes e vestes-te conforme a hora e a estação e tens a realização integral da

verdadeira normalidade. Isto é o que significa ser um verdadeiro Viajante do Caminho no não-agir, sem afetação.

Em suma, depende de a base fundamental estar iluminada e as seis faculdades sensoriais puras e imóveis. Conhecimento e verdade fundem-se, mente e objetos unem-se. Não há profundidade a considerar profunda nem maravilha a considerar maravilhosa. Quando se trata de aplicação prática, sabes naturalmente como harmonizar-te com tudo. Isto chama-se “encontrar o assento e vestir a túnica”.

Depois disto, vês por ti próprio. Nunca aceitas enterrar-te ao nível verbal nos casos públicos dos antigos, nem viver na caverna dos fantasmas ou sob a montanha negra. A única coisa que consideras essencial é a iluminação e a realização profunda. Chegas naturalmente ao estágio de uma ordinariedade não-afetada, que é o auge da simplicidade e da facilidade. Mas nunca aceitas sentar-te como morto, caindo no reino do nada e do desinteresse.

Por isso, em todos os métodos de ensino que usaram, os adeptos iluminados desde a antiguidade consideraram que o único ponto importante era fazer com que os ensinados se destacassem vivos e independentes, de tal modo que dez mil pessoas não os pudessem prender, e perceber que o veículo da escola da transcendência de facto existe.

Os adeptos iluminados nunca estabeleceram definições dogmáticas rígidas, cavando assim armadilhas para enterrar pessoas. Quem faz algo assim está certamente a brincar com bolos de lama — não é alguém que tenha passado audaciosamente à liberdade, nem alguém que possua verdadeiramente o olho iluminado.

Portanto, não comemos restos alheios aceitando fórmulas gastas e clichés usados, pois fazê-lo seria estar amarrado ao poste de amarração de um burro. Não só isso enterraria o estilo Zen, como também impediria de penetrar o nascimento e a morte por si mesmo. Pior ainda seria transmitir slogans, clichés e interpretações subjetivas a futuros alunos, tornando-se um cego a conduzir uma multidão de cegos rumo a um poço de fogo.

Pensas que isto seria apenas uma calamidade menor? Enfraqueceria e apagaria a verdadeira religião e faria colapsar o desígnio abrangente do ensinamento dos ancestrais iluminados. Quão doloroso seria!

Assim, ao estudar o Tao, o primeiro requisito é escolher um mestre com verdadeiro conhecimento e visão correta. Depois disso, pousa a bagagem e, sem questão sobre quanto tempo demorará, trabalha continuamente e com

cuidado nesta tarefa. Não temas que seja difícil e penoso e duro de penetrar. Continua a escavar — tens de penetrar completamente.

Não viste a afirmação de Muzhou? “Se ainda não entraste, tens de entrar. Uma vez entrado, não vires costas ao teu antigo mestre.”

Quando consegues trabalhar com sinceridade e preservar a tua integridade por muito tempo, passando por um tremendo processo de fusão, forja, refinamento e polimento na fornalha de um verdadeiro mestre, tornas-te mais próximo e familiar dia após dia, e o teu estado torna-se seguro e contínuo.

Mantém este trabalho durante muito tempo ainda, conservando o foco, para que a tua realização de iluminação seja ininterrupta do princípio ao fim. As coisas do mundo e o buddhadharma fundem-se num só todo. Em toda a parte, em tudo, tens uma via de saída — não cais em objetos e estados nem és virado ao contrário por nada.

Numa encruzilhada movimentada no mercado, no meio das ondas intermináveis da vida — este é exatamente o lugar certo para fazer esforço.

Vivamente Vivo

O requisito essencial no estudo do Zen é o foco concentrado. Não te envolves em ações forçadas: limitas-te a manter-te no Fundamental. Onde estás, aí mesmo tens de passar à liberdade. Tens de ver a face original e atravessar a paisagem do terreno fundamental. Não mudas as ações comuns, mas interior e exterior são Uma Só Talidade. Ages segundo o fluxo natural e não estabeleces nada como particularmente especial — não és diferente de uma pessoa comum.

Isto chama-se ser um Viajante do Caminho livre e em paz, além do aprendizado, livre de ações artificiais. Estando neste estágio, não revelas quaisquer traços de mente — não há caminho para os deuses te oferecerem flores, nem forma de demónios e forasteiros te espreitarem. Isto é, enfim, a realidade simples e sem adornos.

Continua a nutrir isto por muito tempo, e os fenómenos mundanos e o buddhadharma fundem-se num só todo, unindo-se sem fronteiras. O poder funciona pronto — o que poderá ser tão difícil em atravessar o nascimento e a morte até à liberdade?

A única preocupação é que a tua realização inicial não seja correta e verdadeira. Se houver algo no teu peito, então estás preso e bloqueado. Se queres chegar rapidamente à harmonia, deves dissolver tudo assim que

acontece, como um floco de neve colocado sobre um fogão em brasa. Então abrirás naturalmente, tornando-te calmo e imóvel, atingindo a grande libertação.

Afasta-te e examina isto por ti mesmo. Já conviveste com um mestre durante bastante tempo, por isso pergunta-te se a tua prática está ou não a atingir o resultado certo. Se está a ir na direção certa, de que duvidas ainda?

De agora em diante, não faças surgir um único pensamento e aceita a verdadeira realidade com o corpo inteiro. Se és verdadeiro num lugar, como poderia ser diferente em mil ou dez mil lugares?

Os mestres ancestrais só queriam que as pessoas vissem a sua verdadeira natureza. Todos os iluminados surgiram para permitir que as pessoas despertassem para a mente. Uma vez chegado à realidade da mente e à sua verdadeira natureza, pura, unificada e não misturada com perceções ilusórias, então os quatro elementos que compõem o corpo físico, e os cinco agregados de forma, sensação, perceção conceptual, síntese avaliativa e consciência, e as seis faculdades sensoriais e os seis objetos sensoriais, e todas as miríades de formas de ser constituem, juntas, o lugar onde deixas o corpo e a vida.

Quando estás em paz e lavado por dentro, é como o sol a brilhar por toda a parte, como a infinita vastidão do espaço. Como te poderias limitar ao corpo e mente restritos e impedir-te de estar vivamente vivo?

Os antigos passavam dez ou vinte anos a estudar apenas para penetrar. E, depois de penetrarem, sabiam viver.

As pessoas de hoje têm falta de algo que as impeça de seguir pelo mesmo caminho? Basta não fazer surgir qualquer sentimento de querer ou precisar de algo, nem criar apegos ou dependências. Então, segundo a tua força ao enfrentar as situações, não deixarás de penetrar.

O que importa é foco concentrado, pureza e imobilidade. Mesmo ao agir, isto não é algo externo. Segura nas coisas e devolve-as ao teu verdadeiro eu — isto é função maravilhosa. As oitenta mil aflições sensoriais transformam-se imediatamente em oitenta mil meios de transcendência, e já não precisas de fazer questão de estudar com mestres. Nas tuas atividades diárias libertas incontáveis seres sencientes, realizas incontáveis obras iluminadoras e passas por incontáveis portões do Dharma. Tudo flui do teu próprio peito — como poderia haver outro lugar?

Como diz o provérbio: “Do topo do poste de trinta metros, deves dar um passo

em frente, e então o universo, em toda a sua multiplicidade, revela o corpo inteiro da realidade."

Agora É o Momento

Para estudar o Caminho, deves recuar e estudar com todo o ser. Faz do nascimento e da morte o teu único pensamento. A verdade mundana é impermanente, este corpo não é duradouro. Uma vez que pares de respirar, já é outra vida. Noutro nascimento poderás cair em espécies não humanas, e então poderás prosseguir por milhares de vidas, ao longo de incontáveis eras, sem emergir.

Felizmente, no presente, ainda tens bastante tempo. Agora é o momento de aplicar esforço para te voltares para o Caminho a cada instante, sem que a mente vacile ou a atenção falhe. Capta-o exatamente onde estás. Quando chegares ao ponto em que não nasce um único pensamento e antes e depois são cortados, penetrarás de repente na liberdade. É como o fundo de um balde a cair. Então experimentas alegria.

Investigas até às profundezas últimas, até caminhares pela paisagem do terreno fundamental e veres claramente a face original. Então já não terás dúvidas sobre o que disseram os mestres Zen. Poderás cortar tudo e manter tudo imóvel, nutrindo-o sem mente condicionada, sem esforço artificial e sem preocupações particulares. Então, vinte e quatro horas por dia, já não haverá esforço desperdiçado. A tua mente não toca nas coisas e os teus passos estão além de localização.

Neste ponto, és um verdadeiro monge Zen que compreendeu as coisas e completou o trabalho. Não procuras fama nem finges para alcançar lucro. Erges-te como uma muralha de quilómetros — impecável, com "cada gota de água uma gota de gelo". Trabalhas na tua própria missão de ir além do nascimento e da morte e não prestas atenção a mais nada. Sem perturbar nada no reino do som e da forma, sem sobressaltar as pessoas comuns, segues livre para a libertação independente e tornas-te um verdadeiro santo que foi além do pó.

Tens de ter fé nisto e pô-lo em prática.

Saltar do Fosso

Desde a antiguidade, apenas se estimou esquecer pensamentos e sentimentos e encontrar a realização independente. Uma vez obtida esta realização, não estabelecemos a ideia de eu, nem nos congratulamos nem assumimos ares elevados. Simplesmente seguimos livremente o fluxo natural, como ignorantes,

como simples aldeões. Só isto pode ser chamado a prática de uma pessoa do Caminho sem esforço e sem preocupação.

Se conseguires prosseguir assim durante três, quatro ou cinco décadas sem mudar nem desviar, então será assim, tal como é, por mil vidas e dez mil kalpas. Como diz o provérbio: “O mais difícil de encontrar são pessoas que perseverem para sempre.” Se prosseguires consistentemente assim, acreditando totalmente, penetrando completamente, não te preocupes que não consigas atravessar o mundo e saltar do fosso das aflições de nascimento e morte.

É apenas uma questão de a pessoa em causa ter faculdades ousadas e aguçadas — então não seria considerado difícil transcender o buda cósmico Vairocana ou ir além de todas as gerações de mestres ancestrais. Este é o verdadeiro portão da grande libertação.

Quando Bodhidharma transmitiu o ensinamento Zen ao seu sucessor Huike, estava ele atolado em tantas explicações verbais?

Deves compreender diretamente, penetrando das alturas às profundezas sem o mínimo desvio, para que a realidade aparente não te quebre e as miríades de impulsos não te alcancem. Depois disso, deixas tudo fluir a partir da base não-abidente, em harmonia sem entraves. Todas as atividades são apenas a tua própria função maravilhosa. Onde quer que estejas, arrancas pregos e tiras cunhas para as pessoas, permitindo que cada uma se torne pacífica e segura. Não é isto o mais essencial?

Um dia, Xuansha viu homens a carregar um cadáver. Apontou e disse aos seus companheiros: “Quatro mortos carregam um vivo.” Pela visão convencional, Xuansha trocou as coisas. Mas se usares o verdadeiro olho da transcendência para te desapegares das visões subjetivas e fores além dos sentimentos convencionais, perceberás que Xuansha estava a ser extremamente bondoso em ajudar as pessoas.

Assim, para atravessar até à liberdade, tens de ir além do nexo de forma, sensação, conceção, síntese motivacional e consciência.

Não leste a afirmação do antigo digno? “As nuvens brancas são claras e imóveis, e os rios correm para o mar azul. As miríades de coisas são originalmente pacíficas, mas as pessoas criam problemas para si mesmas.”

Afinal, esta afirmação é totalmente correta e verdadeira. Se souberes o que significa assim que a ouves mencionar, podes usá-la para atravessar o nascimento e a morte até à liberdade e já não ser obstruído pelo nexo

psicofísico. Serás como um pássaro que sai de uma gaiola — independente e livre. Com um só golpe pões fim a todas as outras ações e conversas, e já não cais em visões secundárias.

Iluminação Onde Estás

Entre as maravilhas do Budismo, nada supera a escola Zen para experienciar a realização direta e suprema e alcançar rapidamente harmonia com a sabedoria transcendente. Este é o Zen puro e limpo do veículo supremo dos que vêm da Talidade.

Foi transmitido especialmente fora da doutrina desde que o Buda Shakyamuni ergueu uma flor no Pico do Espírito e Mahakashyapa sorriu — Shakyamuni confiou-lhe a mente maravilhosa do nirvana, o tesouro do olho do ensinamento correto. A pura transmissão do selo da mente continuou por vinte e sete gerações na Índia, até que Bodhidharma veio do Ocidente para a trazer à China. Apontou diretamente para a mente humana, para permitir que as pessoas vissem a sua verdadeira natureza e se iluminassem, independentemente de serem comuns ou sábias, distantes ou próximas.

Quando a capacidade básica está afinada, passas à liberdade num instante. Não são precisos três incalculáveis kalpas: testemunhas imediatamente o buda original, perfeito, completo, puro e maravilhoso.

Assim, para viajar na escola Zen, precisas de uma grande capacidade para o Dharma. Tens de estabelecer a determinação desde o início e partir; depois tens de surgir transcendente. Isto é o que se chama realizar a budeidade onde estás. Refreando os pensamentos e concentrando a consciência por algum tempo, já não estabeleces “antes” e “depois” — experimentas o não-nascido.

Isto não é obtido de outra pessoa. É apenas uma questão de prática ousada e aguçada por ti mesmo. É como cortar um novelo de linha: quando um fio é cortado, todos são cortados. A tua consciência espiritual inata é libertada instantaneamente: num momento és uma pessoa comum, no momento seguinte és um sábio. Quer o intenciones ou não, o comum e o sábio são Uma Só Talidade, abrangendo todo o espaço, sem mais direção ou localização.

Yongjia disse: “Como poderias fazer comparações com o estado incriado da realidade absoluta? Transcende diretamente para entrar no estágio dos que realizam a Talidade.”

Na assembleia em que o Buda pregou o Sutra do Lótus, uma menina naga ofereceu uma pérola e imediatamente alcançou o verdadeiro despertar. Não é

isto a realização imediata do fruto maravilhoso da iluminação no virar de um pensamento?

Esta realidade não pode ser coberta pelos céus nem sustentada pela terra. O espaço não a pode conter. Habita em todos os seres sencientes e é o suporte sobre o qual todos repousam. Sempre foi limpa e nua. Não há lugar onde não penetre.

As pessoas são incapazes de experimentar esta verdadeira essência simplesmente porque estão enclausuradas pela consciência emocional e separadas dela pelo ouvir e pelo ver, e porque aceitam erradamente os reflexos percebidos dos objetos como sendo a própria mente e os elementos físicos grosseiros como sendo o corpo real.

É por isso que os sábios, pelo poder dos seus votos de compaixão, apontaram esta verdadeira essência às pessoas, para permitir a todos aqueles com a capacidade básica que voltem a luz para dentro e a reflitam, para que a possam reconhecer e testemunhar na sua forma pura.

E a “pérola” que a rapariga naga ofereceu ao Buda — onde está ela agora? Se a conseguires tomar assim que é mencionada, então nunca irás recorrer às palavras para construíres um entendimento, nem fazer ninho em manobras mentais e pensamentos conceptuais. Nesse caso, não será diferente do mundo imaculado do Pico do Espírito.

Desde tempos imemoriais, na escola Zen apenas valorizámos o primeiríssimo momento mental, a primeira declaração. Antes de nascer o pensamento, antes que o som surja, corta diretamente de uma vez todas as operações espirituais dos mil sábios e o talismã espiritual das miríades de seres sencientes. Não é este o maravilhoso e essencial reino da libertação e liberdade, onde alcanças grande independência?

O leigo Pang perguntou a Mazu: “Quem é aquele que não faz companhia às miríades de coisas?” Mazu respondeu: “Quando conseguires engolir toda a água do Rio Oeste num só gole, eu dir-te-ei.”

Muitos são os que fazem avaliações verbais deste caso público, interpretando-o em termos de mente e ambiente, mas estão longe de aceitar o desígnio do Zen.

Tens de ser feito de ferro fundido: só assim poderás ir contra a corrente e experimentar a realização transcendente. Então, farás soçobrar o barco de ferro do leigo Pang e de Mazu. Quando finalmente chegares ao ponto de

ergueres-te como uma muralha de milhas de altura, saberás que não existem tantas coisas assim.

O tempo não espera por ninguém

Todos aqueles com mentes condicionadas estão tão afastados da verdadeira realidade como o céu está da terra. Neste momento, se não consegues atravessar a barreira, é claramente porque a tua mente tem muitos apegos sérios. Se os conseguires eliminar e alcançar o reino onde não há mente condicionada, todos os enganos, impurezas e hábitos emocionais terminarão, e todos os obstáculos criados pelo conhecimento condicionado, pelas visões arbitrárias e pelo entendimento intelectual dissolver-se-ão — que mais restará?

É por isso que Nanquan disse que, uma vez liberta do seu condicionamento, a mente comum é o Caminho. Mas assim que produzes um pensamento procurando ser "comum", já te afastaste e perdeste-o. Este é o ponto mais subtil e mais difícil de alcançar. Mesmo pessoas imensamente grandiosas hesitam e vacilam quando aqui chegam — quanto mais aqueles que ainda estão na fase de aprendizagem.

Deves esforçar-te com toda a tua força para morder aqui e cortar os hábitos condicionados da mente. Sê como alguém que morreu a grande morte: depois de o fôlego ser cortado, então regressa à vida. Só então perceberás que é tão aberto como o espaço vazio. Só então chegarás ao ponto em que os teus pés caminham no solo da realidade.

Quando experiencias uma realização profunda deste assunto, tornas-te totalmente claro e a tua fé torna-se completa. Estás livre, à vontade e limpo de uma ponta à outra — sem saber nada, sem compreender nada. Assim que algo te toca, viras-te livremente, sem mais constrangimentos e sem ser colocado em lado algum. Quando queres agir, ages; quando queres ir, vais. Já não há ganho ou perda, afirmação ou negação. Abranges tudo de cima a baixo de uma só vez.

Como poderia ser fácil pôr em prática ou sequer aproximar-se deste reino onde não existe mente condicionada? É preciso ser-se uma pessoa adequada para tal. Se ainda não és assim, deves pôr de lado mente e corpo e mergulhar em reflexão silenciosa até estares livre da mais pequena dependência. Continua a observar, a observar, enquanto vais e vens. Depois de muito tempo, naturalmente passarás a cobrir céu e terra, de modo que a verdadeira realidade surgirá pronta onde quer que toques.

Antes de haver um Buda Shakyamuni nascido naturalmente, antes de haver um Buda Maitreya espontâneo, quem era aquele que compreendia ainda no

ventre? Deves ser rápido a focar a tua energia. O tempo não espera por ninguém. De repente, num só trago, cortarás tudo, e ninguém poderá fazer nada a teu respeito. Para ter êxito nisto, uma pessoa verdadeiramente grandiosa deve alcançar o reino da realização de si, independência e liberdade.

Faz do Iluminamento o Teu Padrão

Fundamentalmente, esta grande luz está presente em cada pessoa, exatamente onde se encontra — vazia, límpida de uma ponta à outra, espiritualmente desperta, omnipresente. É chamada a paisagem do solo fundamental.

Os seres sencientes e os budas estão ambos intrinsecamente dotados dela. É perfeitamente fluida e ilimitada, fundindo tudo no seu seio. Está dentro do teu próprio coração e é a base do teu corpo físico e dos cinco agregados de forma, sensação, perceção, síntese motivacional e consciência. Nunca foi maculada ou manchada, e a sua natureza fundamental é calma e silenciosa.

Pensamentos falsos surgem subitamente e cobrem-na, bloqueando-a e confinando-a dentro das seis faculdades sensoriais e dos seus objetos. As faculdades e os objetos emparelham-se, e ficas preso, começando a agarrar-te e a apegar-te. Apegas-te aos vários objetos e cenas, produzes todo o tipo de pensamentos ilusórios e afundas-te nas malhas do nascimento e da morte, incapaz de alcançar a libertação.

Todos os budas e mestres ancestrais despertaram para esta verdadeira fonte e penetraram até à base fundamental. Compadeceram-se de todos os seres sencientes afundados no ciclo de nascimento e morte e, inspirados por grande compaixão, apareceram no mundo precisamente por esta razão. Foi também por isso que Bodhidharma veio do Ocidente com a prática especial fora da doutrina.

O mais importante é que pessoas de grande capacidade e sabedoria aguçada voltem a luz da mente para dentro e despertem claramente para esta mente antes que surja um único pensamento. Esta mente pode produzir todos os fenómenos mundanos e transcendentais. Quando é para sempre selada pelo iluminamento, o teu coração interior torna-se independente, transcendente e transbordante de vida. Assim que despertas a mente condicionada e pões pensamentos errantes em movimento, obscureces esta clareza fundamental.

Se queres passar fácil e diretamente agora, deixa simplesmente que o corpo e a mente se tornem completamente vazios, de forma a ficarem desocupados e silenciosos, mas ainda assim atentos e luminosos. Interiormente, esquece todas as conceções de “eu”, e exteriormente corta todas as impurezas

sensoriais. Quando interior e exterior estão claros até ao fim, existe apenas uma verdadeira realidade. Então olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente conceptual; forma, som, cheiro, sabor, toque e fenómenos conceptualizados — todos estes se estabelecem com base nessa única realidade. Essa única realidade mantém-se livre de e transcende todos os miríades de fenómenos que enredam. As miríades de fenómenos nunca tiveram quaisquer características fixas — são todas transformações com base nesta luz.

Se podes confiar nesta unidade, então, compreendendo uma, compreendes todas; iluminando uma, iluminas todas. Assim, qualquer que seja a tua ação, tudo pode ser a indestrutível verdadeira essência da grande libertação, de cima a baixo.

Deves primeiro despertar para esta mente e, depois, cultivar todas as formas de bem. Não viste já esta história? O renomado poeta Bo Juyi perguntou ao monge Ninho de Pássaro: “O que é o Caminho?” O monge respondeu: “Não faças qualquer mal, pratica todas as formas de bem.” Bo Juyi disse: “Até uma criança de três anos poderia dizer isto.” O monge respondeu: “Embora uma criança de três anos o possa dizer, um homem de oitenta pode não ser capaz de o pôr em prática.”

Assim, devemos procurar as nossas próprias falhas e cultivar a prática; isto é como os olhos e os pés dependerem um do outro. Se conseguires abster-te de praticar qualquer mal e refinar a tua prática das muitas formas de bem, mesmo que apenas mantenhas as formas elementares de disciplina e virtude, conseguirás evitar afundar-te nos níveis de animais, fantasmas famintos e seres infernais. Isto é ainda mais verdadeiro se primeiro despertares para a essência indestrutível da mente verdadeira, maravilhosa e iluminada, e depois cultivares a prática o melhor que puderes, levando a cabo todas as formas de conduta virtuosa.

Que ninguém se iluda quanto à causa e efeito. É preciso perceber que a base causal do inferno e do céu é toda formada pela tua própria mente inerente. Deves manter esta mente equilibrada e equânime, sem ideias ilusórias de “eu” e “outro”, sem amores e ódios arbitrários, sem apego ou rejeição, sem noções de ganho e perda. Continua a nutrir isto gradualmente por muito tempo, talvez vinte ou trinta anos. Quer encontres condições favoráveis ou adversas, não recues nem regridas — então, quando chegares à encruzilhada entre vida e morte, serás naturalmente libertado e não terás medo. Como se diz: “A verdade requer despertar súbito, mas o nível fenomenal requer cultivo gradual.”

Muitas vezes vejo aqueles que tentam estudar o budismo limitarem-se a usar a sua inteligência mundana para peneirar os ensinamentos verbais dos budas e mestres ancestrais, tentando escolher frases especialmente maravilhosas para

usar como peças de conversa e exibir a sua capacidade e entendimento. Esta não é a visão correta do assunto. É preciso abandonar a mentalidade mundana e sentar-se em silêncio, com a mente quieta. Esquecer as causas que nos enredam e investigar com todo o ser. Quando estiveres completamente claro, então tudo o que trouxeres do teu inesgotável tesouro de joias preciosas será genuíno e real.

Assim, deves primeiro despertar para o Fundamental e ver claramente a verdadeira essência onde mente e Buda são um só. Liberta-te de todos os falsos enredos e torna-te livre e limpo. Depois disso, pratica respeitosamente todas as formas de bem e desperta grande compaixão para trazer benefícios a todos os seres sencientes. Em tudo o que fizeres, sê equilibrado e harmoniza-te com a igualdade inerente de todas as coisas — sê sem "eu" e sem apegos.

Quando a sabedoria maravilhosa se manifesta e penetras até à essência básica, todas as tuas ações serão obras maravilhosas. Assim se diz: "Basta aceitar a verdade — não serás enganado."
Faz do iluminamento o teu padrão e não te aflijas se ele for lento a chegar. Toma cuidado!

A Pessoa Original

O Grande Ensinamento é, no fundo, bastante simples. É fácil de entrar para aqueles que têm faculdades aguçadas, rapidez de espírito e ampla penetração, e que não usam o brilho intelectual para tentar compreendê-lo.

O problema habitual surge quando se está sobrecarregado de conhecimento condicionado e visões arbitrárias. Então, ao tentar aproximar-se desta fonte, quanto mais se aprofunda, mais distante se fica, e torna-se completamente impossível penetrar.

Se fores equânime em relação a tudo, incluindo a irredutível inapreensibilidade da própria mente, e a tua mente condicionada desaparecer e espontaneamente chegar ao fim, então a perfeita iluminação da natureza inerente surgirá por inteiro, sem necessidade de quaisquer esforços artificiais para a produzir.

Cortas o fluxo e experimentas uma realização profunda. Quando não vais nem demasiado longe nem ficas aquém, chegas à essência funcional naturalmente real da mente. É isto que significa o ditado: "Trabalha na mente, e o assunto está decidido." Se deixares sempre esta essência naturalmente real manifestar-se no meio das tuas atividades diárias, como poderias não estar estável e seguro?

Quando os antigos despertaram para a mente, despertaram para esta mente.

Quando ativaram o seu potencial funcional, ativaram este potencial funcional. Foram capazes de permanecer livres e à vontade durante dez mil gerações sem mudar. Eram transcendentes, em realização independente, e já não se colocavam em oposição a nada.

Se estiveres em oposição a qualquer coisa, isso cria dualidade. Então ficas preso ao “eu” e ao “outro”, ao ganho e à perda, e és incapaz de caminhar no solo da realidade.

Se deres mais um passo, não se estabelece uma única coisa — a partir daí estás calmo e devidamente harmonizado, e vês claramente a pessoa original.

Livras-te de todas as preocupações no teu íntimo e do momento mental diante dos teus olhos, de modo que todo o teu ser fica liberto e em paz. Estás para sempre além de qualquer possibilidade de retroceder ou regredir. Alcanças destemor e, com meios hábeis baseados nesse destemor, podes resgatar seres sencientes.
Deves continuar assim sem interrupção para sempre — isto é o melhor.

Testemunhar o Tao

Este Tao é profundo e remoto. Muito antes de o céu e a terra tomarem forma e de seres sencientes e budas se separarem, ele era profundamente claro, sólido e silencioso, como a raiz das miríades de transformações. Desde o início, nunca foi existente nem inexistente e nunca caiu no reino empoeirado dos objetos sensoriais. Este Tao brilha e cintila, e ninguém pode sondar os seus limites. Não tem realidade que possa ser considerada real, nem maravilha que possa ser considerada maravilhosa. É absolutamente transcendente e está para além do alcance de conceitos e imagens. Não há nada com que possa ser comparado.

Por isso, as pessoas perfeitas testemunham-no independentemente e surgem libertas. São aniquiladas e totalmente purificadas, e penetram até esta fonte primordial.

Pelo poder dos meios hábeis, estas pessoas perfeitas apresentam-no diretamente na sua forma pura, para receber discípulos do mais alto potencial, sem estabelecer quaisquer etapas ou estágios. É por isso que o seu ensinamento é chamado veículo da fonte e prática especial fora das doutrinas. Selam os discípulos qualificados com este único selo. Ao girar a chave da transcendência, não há espaço para hesitação no pensamento.

Em todos os métodos e gestos que usam, os mestres iluminados deixam para trás os ninhos do cliché, da teoria e do slogan verbal. São como faíscas

arrancadas à pedra, como relâmpagos — instantâneos, rápidos. Produzem milhares de mudanças e transformações sem jamais depender de nada. De cima a baixo cortam a rede que prende as pessoas. Só sancionam os alunos excecionais e desprezam os obtusos.

Para ser um mestre Zen legítimo, é preciso ter o espírito de matar a falsa personalidade de uma pessoa num piscar de olhos. Compreendendo um, compreendes todos; iluminando um, iluminas todos. Depois disso, chegas à perceção de longo alcance e à elevada consciência que surgem ao ultrapassar o nascimento e a morte, transcendendo a vida comum e entrando no legado dos sábios. Vives de forma comum e não revelas a tua ponta afiada. Quando de repente surges livre e à vontade, surpreendes a multidão e moves a assembleia.

Em suma, as tuas raízes são profundas e o teu caule é forte. Vês que, antes do Buda Primordial e do outro lado do éon vazio, não há diferença em relação ao teu funcionamento aqui e agora. Uma vez que a tua prática tenha poder, és capaz de suportar a pesada responsabilidade de ensinar o Dharma e alcançar efeitos vastos — alcanças grande mestria. Então, comprimir três éones num único momento ou estender sete dias por toda uma era é apenas ação menor — para não falar de lançar a galáxia para além do espaço ou colocar a montanha polar numa semente de mostarda. Isto é o teu alimento e bebida quotidianos.

No passado, houve muitos exemplos de leigos iluminados que combinaram realizações mundanas com profunda realização mística. Não foi difícil — tudo o que fizeram foi compreender diretamente esta única Grande Causa. Uma vez que tinham este Tao como fundação, podiam ignorar os juízos convencionais dos outros e mobilizar a sua própria coragem e ousadia. Ao interagir com as pessoas, focavam o olho do iluminamento e punham em ação o seu potencial rápido e sabedoria aguçada para virar todas as miríades de formas de ser de volta para o seu próprio domínio. Desdobravam e enrolavam, soltavam e capturavam. Assim, não eram diferentes de todas as pessoas de grande realização ao longo das eras cuja prática era pura e madura e que continham em si as virtudes e o poder do Tao.

Basta fazer com que a transmissão continue sem interrupção de fonte para fonte, e serás então uma pessoa viva e jubilosa na estrada da vida eterna.
O mestre ancestral disse: “A mente gira seguindo as miríades de objetos. Se conseguires realmente alcançar as profundezas ocultas desta rotação e reconhecer a verdadeira natureza acompanhando o fluxo, então não haverá alegria nem tristeza.” Assim que conseguires encontrar o significado profundo deste processo de transformação, penetrarás através do fluxo em movimento e verás a verdadeira natureza inerente. Quando ultrapassares a dualidade e não

te fixares no caminho do meio, como poderiam ainda existir coisas como favorável e adverso, tristeza e alegria, ou amor e ódio para bloquear o teu funcionamento livre?

Transmitir mente por meio de mente, selar a verdadeira natureza com a verdadeira natureza — é como verter água em água, como trocar ouro por ouro. Alegre, fácil, comum, sem atividade artificial, sem preocupações: ao encontrares situações e circunstâncias, não valem sequer um empurrão.

Serão assim tão remotos os métodos diretos de ensino dos mestres Zen clássicos? Basta não te deixares transformar ao seguir as tuas emoções. Eleva-te acima da forma e cavalga o som. Transcende o antigo e o moderno. Move-te rapidamente no fio da navalha no meio da multiplicidade.
Assim se diz: “Empurra a passagem para a transcendência, e todos os mil sábios ficarão a sotavento de ti.”

Bem no Teu Próprio Viver

Isto está presente em todos, exatamente onde estão. Mas só se tiveres enraizado profundamente no passado terás força, em meio à verdade mundana, para afastar os objetos que enredam.

Deves afastar-te constantemente das perceções convencionais e dos enredos mundanos para seguires o teu próprio caminho e refletires com consciência independente. Limpa e purifica o teu karma de mente, corpo e fala; senta-te ereto e investiga a realidade, até alcançares visão subtil e libertação clara. Bem no teu próprio viver, desapega-te de visões condicionadas e corta os sentimentos. Ergue-te como uma muralha de milha de altura. Abandona o condicionamento profundo e a perceção errónea que te acompanharam desde tempos sem início. Esmaga a montanha do eu em pedaços, seca as visões baseadas no desejo e toma diretamente a verdade. Nem os mil sábios a podem alterar, nem as miríades de formas a podem cobrir ou esconder. Ela ilumina o céu e a terra.

Os budas e mestres ancestrais apontaram diretamente para esta essência verdadeira inerente, indestrutível, maravilhosa, imaculada e pura. Fixa os olhos nela no meio das milhares de complexidades intricadas que é impossível analisar. Aplica a lâmina onde as correntes cruzadas não podem ser separadas.

O teu potencial opera antes das coisas, e as tuas palavras vão para além do alcance dos conceitos. És livre e sem amarras, puro e silencioso. Moveste-te de forma independente, com o teu poderoso funcionamento vivo e liberto. Partilhas a mesma realização e o mesmo funcionamento com todos os grandes

adeptos desde a Antiguidade que alcançaram esta realização — não és diferente, não estás separado. Desocupado e à vontade, limitas-te a preservar a quietude e o silêncio e nunca mostras a tua ponta afiada. Pareces um simplório, totalmente abandonado e descontraído, comendo quando tens fome e bebendo quando tens sede, nada diferente do habitual. É isto que se chama manifestar secretamente a grande função e ativar o grande potencial sem assustar a multidão.

Quando o fazes durante muito tempo e chegas ao estágio em que estás puro, maduro, em paz e genuíno, haverá ainda velharias como a aflição e o nascimento e morte capazes de te prender?

Por isso, entre os antigos que eram versados no Caminho e nos seus poderes, dirigiam aqueles que já se tinham libertado dos enredos sensoriais a estender o selo esotérico.

Deves passar vinte ou trinta anos em trabalho meditativo desapegado e tranquilo, varrendo qualquer conhecimento condicionado e compreensão interpretativa logo que surjam, e não deixando sequer permanecer vestígio da própria varredura. Larga para o Outro Lado, abandona todo o teu corpo e prossegue corrigindo-te com rigor até alcançares a grande vida jubilosa. O único receio é que, ao conheceres esta estratégia, o próprio ato de conhecer leve ao desastre. Só procedendo assim é que será prática real e genuína.

Não leste já sobre todos os mestres Zen que elogiaram enfaticamente o estado onde não há mente condicionada? Queriam realmente que os futuros aprendizes prosseguissem assim. Se exibires a tua esperteza e análises verbais e entendimento intelectual, estás a poluir o campo da mente, e nunca conseguirás entrar na corrente do Caminho. Muitos tentaram elaborar justificações para explicar porque é que Buda ergueu a flor no Pico do Espírito e porque é que Bodhidharma se sentou voltado para a parede em Shaolin, mas não se apoiam no fundamental. Estão longe de perceber que procurar o significado da transmissão de mente a mente através de categorias verbais e som e forma é como enfiar a cabeça numa tigela de cola.

Quanto ao tipo excecional, certamente não age assim. É capaz de mergulhar por conta própria e de captar o sentido dos grandes e vastos atos dos mestres clássicos. Descobre a verdadeira realidade pelo envolvimento direto. É por isso que as pessoas de realização não têm sequer tempo de sobra para limpar o nariz.

Mas diz-me, onde operavam os mestres ancestrais do Zen? É evidente que a transmissão única fora da doutrina não foi uma tarefa apressada. Olhavam para o vazio e traçavam-lhe o contorno: cada um penetrava das alturas às

profundezas e abrangia céu e terra. Eram como leões a vaguear à vontade, soberanos e livres. Quando eram vazios e abertos, eram realmente vazios e abertos; e quando eram próximos e contínuos, eram realmente próximos e contínuos.

Embora seja apenas esta única coisa em que todos nos sustentamos, no fim de contas és tu próprio que tens de mobilizar e focar a tua energia. Só assim receberás realmente o seu uso.

Entrar no Caminho

O subtil e maravilhoso Caminho dos budas e mestres iluminados não está noutro lugar senão na base fundamental de cada pessoa. Não está, de facto, separado da mente fundamentalmente pura, maravilhosamente iluminada, não forjada, despreocupada.

Se te tens dedicado sinceramente a isto durante muito tempo e ainda assim não consegues tornar-te genuíno, é porque tens tentado abordá-lo através da tua natureza intelectual e das suas muitas maquinações.

Deves simplesmente tornar esta mente vazia, desocupada, calma e silenciosa.

Se permaneceres num estado de profunda quietude e em harmonia com a realidade tal como ela é durante muito tempo, sem mudar ou oscilar, é certo que chegará o dia em que desfrutarás de total paz e bem-aventurança.

O que deves recear é não conseguires parar e continuares a procurar fora de ti com o intelecto. Pouco percebes que a verdadeira natureza que possuis inerentemente é dura e sólida como um diamante, segura e eterna. É apenas uma questão de nunca permitires que haja sequer um momento de interrupção na consciência da tua verdadeira natureza.

Se deixares o intelecto condicionado descansar durante muito tempo, de repente será como o fundo de um balde a cair — então, naturalmente, serás feliz e estarás em paz. Se fores procurar mestres e insistires em memorizar muitas das suas instruções, estás ainda mais afastado. O que tens de fazer é usar a tua ousada natureza fundamental e cortar ousadamente e abandonar a tua mente condicionada — certamente experienciarás o Caminho e conhecê-lo-ás por ti próprio.

Depois de saberes que entraste no Caminho, não estabeleças sequer este “saber” — então chegarás finalmente ao reino da verdadeira pureza.

O Tesouro Inesgotável

Devas e humanos e todos os seres sencientes, incluindo os iluminados, dependem todos do poder majestoso desta coisa.

Mas, embora os seres sencientes comuns a tenham dentro de si, estão na escuridão quanto a ela, e assim tornam-se, erradamente, sujeitos a afundar-se no ciclo de nascimento e morte e aflição.

Os iluminados, por outro lado, chegam ao poder majestoso desta coisa e assim experienciam a realização transcendente.

Embora ilusão e iluminamento sejam diferentes, a sua realidade subjacente inconcebível é uma e a mesma.

É por isso que os budas e mestres ancestrais deram instruções e apontaram diretamente para esta realidade. Sempre direcionaram os seres sencientes para compreenderem por si próprios a sua mente verdadeira inerente, fundamental, perfeita e maravilhosamente iluminada, e para se desfazerem de todos os pensamentos falsos e esquemas e conhecimentos e visões associados às aflições e dificuldades sensoriais.

Vai diretamente à tua própria existência no campo dos cinco agregados de forma, sensação, perceção, síntese motivacional e consciência, volta a luz para dentro e reflete. A tua verdadeira natureza é clara e calma e tal qual é — aceita-a de ponta a ponta. Quando vês claramente esta verdadeira natureza, esta verdadeira natureza é mente, e esta mente é verdadeira natureza. Todas as atividades, todas as miríades de mudanças e transformações no reino sensorial nunca a abalaram. É por isso que é chamada a fonte fundamental sempre presente.

Se alcançares esta raiz básica, tudo o que fizeres no teu funcionamento capacitado penetrará. O necessário é cortar o fluxo da tua mente condicionada e testemunhá-lo. Se hesitares no pensamento, então perdes o contacto. Se a natureza fundamental de uma pessoa estiver pura, calma e estável durante muito tempo, é muito fácil ser capacitado — basta refletir um pouco, penetrar, e então poderás testemunhá-lo e experienciar a entrada.

Os antigos chamaram-lhe o tesouro inesgotável, a joia que satisfaz desejos e a preciosa espada indestrutível. É preciso ter raízes profundas de fé e acreditar que isto não se obtém de mais ninguém.

Quer estejas a andar, em pé, sentado ou deitado, concentra o teu espírito e reflete silenciosamente. Sê puro e nu, sem interrupções e sem quebras, de

forma que, naturalmente, não surjam visões subjetivas, e fundir-te-ás com esta verdadeira essência. Não nasce nem morre, não existe nem deixa de existir. Não é sólida nem vazia; está para além de nomes e formas. Esta é a paisagem do teu próprio solo fundamental, o teu próprio rosto original.

Quando os antigos usaram centenas, milhares e milhões de expedientes e dispositivos de ensino, foi sempre para levar as pessoas em direção a isto e permitir-lhes penetrar até à liberdade. Assim que penetras, penetras profundamente até à fonte. Largas a telha que foi usada para bater à porta, o meio provisório que foi usado para te levar até lá, e não há absolutamente nada a ocupar os teus sentimentos.

Pratica realmente neste nível durante vinte ou trinta anos e corta todas as demonstrações verbais, lianas rastejantes e dispositivos e estados inúteis, até estares liberto da mente condicionada. Então este será o lugar de paz e bem-aventurança onde paras e descansas.

Assim se diz: “Se estás a parar agora, então para. Se procuras um momento para terminar, nunca haverá um momento em que termines.”

Simples e Fácil

“As maravilhas do Caminho são tão simples e fáceis quanto possível.” Quão verdadeiras são estas palavras! Mas aqueles que não chegaram à fonte pensam que o Caminho é extremamente profundo e misterioso. Pensam que a realidade última do Caminho se encontra antes do éon vazio, antes da diferenciação do caos primordial, antes de o céu e a terra terem sido formados.

Julgam que é algo silencioso e escuro e vago, impossível de sondar, investigar ou examinar totalmente, e que apenas os sábios podem experienciar ou conhecer. Assim, conhecem as palavras dos sábios, mas não conhecem o seu significado. Como podemos falar-lhes sobre este assunto?

As pessoas que pensam assim estão longe de perceber que o Caminho é perfeito e completo mesmo debaixo dos pés de todos, que é puro e nu no meio das atividades quotidianas. Abrange todos os momentos mentais e está presente em todos os lugares.

Não há lugar escuro que não ilumine, nem momento em que não esteja em operação.
O problema é que as pessoas andam há muito tempo na direção oposta, ramificando-se por vias desviadas, sem querer acreditar na sua própria natureza búdica, procurando sempre no exterior — por isso, quanto mais procuram, mais se afastam do Caminho.

É por isso que Bodhidharma veio do Ocidente e apontou diretamente para a mente humana. Esta mente é a mente despreocupada no seu equilíbrio normal. O seu potencial natural estende-se espontaneamente, sem restrições e sem apego, sem permanecer em lado nenhum nem se fixar em nada. Partilha os poderes do céu e da terra e funde-se com a luz do sol e da lua.

Aqui não há espaço para estabelecer opiniões arbitrárias. Espraias-te numa grande compreensão e fundes-te num estado livre da mente condicionada e das suas ações artificiais e preocupações obsessivas. Se estabeleces o mais pequeno traço de dualismo entre sujeito e objeto e entre eu e outros, então ficas bloqueado e obstruído, e nunca penetrarás.

Como se diz: “A verdadeira natureza da ignorância é a natureza búdica, e o corpo vazio de transformação ilusória é o corpo de realidade do Buda.” Se conseguires testemunhar a verdadeira natureza dentro da casca da ignorância, então, instantaneamente, a essência subjacente à ignorância entra em ação.

Se conseguires ver o corpo de realidade dentro da casca do corpo físico, então, instantaneamente, a essência subjacente ao corpo vazio é totalmente iluminada. O único receio é que pratiques ações artificiais e estabeleças visões dentro do corpo vazio da ignorância — nesse caso, perdes o contacto com a realidade essencial.

Uma vez que tenhas penetrado até esta verdadeira essência e descoberto que o corpo vazio da ignorância não está separado dela, então nenhuma das miríades de formas de ser está fora dela. Quando o teu estado é genuíno e verdadeiro, é totalmente inclusivo em todos os momentos, nada deixando fora, e podes pousar corpo e mente em qualquer lugar. Não viste já os antigos dizerem que, juntamente com a aflição sensorial, vêm as sementes do iluminamento?

Quando chegas a este nível, observar a realidade da existência física é o mesmo que observar o buda. Então, os fenómenos mundanos e o buddhadharma fundem-se num único todo. Estás completamente livre e à vontade ao comer comida e vestir roupa — isto é o “Grande Potencial e Grande Função”. Como poderias ainda ter dúvidas sobre os vários métodos de ensino, gestos, atos e estados dos mestres Zen?

Quando chegas a estas maravilhas do Caminho, simples ao extremo e fáceis ao extremo, que estão mesmo debaixo dos teus pés, os portões infinitos da realidade abrem-se e aparecem diante de ti de uma só vez. Penetras através do nascimento e morte até à libertação e alcanças o fruto supremamente maravilhoso do iluminamento. Como poderia isto ser difícil?

Não Deixes a Vida Passar em Vão

Desde tempos antigos, as pessoas com vontade para o Caminho viajaram de região em região à procura de instrução junto de Viajantes Habilidosos. Não deixaram, de facto, que as suas vidas neste mundo passassem em vão. Por isso, fizeram o possível para aquietar as suas mentes condicionadas e escolher mestres que possuíssem genuinamente o olho iluminado. Quando encontravam tais mestres, pousavam a bagagem e ficavam o tempo necessário, confiando nesses mestres para os ajudar a completar o trabalho. Observando os caminhos que seguiram, vemos que eram verdadeiros "dragões e elefantes".

Neste momento, se tens em ti a vontade de avançar para a Grande Causa, deves aplicar toda a tua força em concentrar o foco nela e tornar essa concentração firme e segura. Esquece comer e dormir, não recues perante esforços árduos, trabalha intensamente e suporta a dor. Se investigares com todo o teu ser, após muito tempo alcançarás naturalmente a certeza e entrarás no Caminho.

Esta Grande Causa sempre esteve completa em ti desde o início. Nunca te faltou — está em ti tal como nos budas e mestres iluminados. Não a podes experienciar diretamente tal como é simplesmente porque geras conhecimento e visões erróneas, impões separações arbitrárias e ocupas-te com apegos emocionais e falsidades vazias.

Se plantaste a base de uma natureza rápida e afiada, então, quando não nascer um único pensamento, transcenderás de repente todas as formas de ser e experienciarás a realização perfeita da tua própria natureza maravilhosa inerente, tal como é. Já não gerarás quaisquer ideias de sujeito e objeto ou eu e outros. Esvaziar-te-ás numa grande compreensão — santo e profano são iguais, eu e outros são o Mesmo.

Sendo um buda, já não procurarás a budidade; estando presente com a mente, nunca mais procurarás a mente. Aqui não há dualidade entre buda e mente — onde quer que vás, surgem prontos. Já não cais em falsidade vazia a qualquer hora do dia ou da noite.

Isto é, então, caminhar no solo da realidade, abrir o teu próprio tesouro e trazer à luz as joias da família. Seja como ativares o teu potencial, ultrapassas convenções sectárias. Penetras até ao nível em que és genuíno e verdadeiro e saltitante de vida.

Como se diz: "Muita falsidade não vale tanto como um pouco de realidade."

Basta deixares que a tua aspiração inicial para o iluminamento mantenha a ousadia original, e prosseguires até penetrares por completo — não temas não concluir o trabalho no Caminho.

Uma verdadeira grande pessoa deve dominar completamente o transcendente Grande Potencial e Grande Função. Quando estás em paz e cheio de alegria, estás finalmente a aproximar-te disso. Não te contentes com um pouco de compreensão. Deves continuar a trabalhar arduamente durante muito tempo, até que o obtenhas espontaneamente. Não é isto libertação?

Ensinar Zen

Certamente já viste este ditado: “A única estrada para a transcendência não é transmitida pelos mil sábios.” Se experienciaste diretamente o significado que não é transmitido pelos sábios, então concluíste de facto o trabalho do Caminho.

Se falarmos diretamente sobre este assunto, não há lugar para usares maquinações mentais nem lugar para te aproximares e instalares. É por isso que os adeptos Zen, desde tempos antigos, apenas ensinaram através da indicação direta — queriam que as pessoas alcançassem o despertar místico fora das categorias convencionais. Não queriam que as pessoas atravessassem água turva nem caíssem em enredos sensoriais.

Assim se diz: “O tipo superior levanta-se e executa logo que ouve a menção. Mil dispositivos não os podem apanhar, e mil sábios não os podem prender.” Para ser um verdadeiro mestre Zen, é necessário estudar assim e entrar no Caminho assim, e é necessário propagar o Caminho assim e exaltá-lo assim. Como poderia isto ser assunto para medíocres? Todo o verdadeiro mestre deve ter olhos como estrelas cadentes e ser capaz de matar o falso eu de uma pessoa sem pestanejar — só então há acordo com o Caminho. Se hesitares e te prenderes, falhaste por milhas.

Só quando estiveres no estágio em que possuis este tesouro supremo poderás estabelecer miríades de distinções. Se realmente alcançaste tal estágio, nunca inventarás coisas estranhas nem imporás formas arbitrárias nem criarás modelos rígidos ou padrões repetitivos. Apenas permaneces aberto e livre, e nem isto pode ser agarrado. Quando te estabeleces e penetras até à liberdade e dissolves pontos de bloqueio e removes amarras para ajudar outros, isso é sempre feito de acordo com o lugar e o tempo.

Linji disse: “O que eu vejo, quero que todos saibam.”
Como poderia isto ser algo que o pensamento mundano grosseiro possa avaliar? Deves reunir todos os teus pensamentos falsos e cálculos e apegos a

sentimentos e sensações e visões julgadoras e cortá-los de um só golpe — explicar e distinguir “verdadeira natureza” e o “verdadeiro padrão” nunca será o Fundamental. É preciso libertar-se de tudo isto e obter a tua própria realização.

Então, todos os objetos em todos os mundos das dez direções estão contidos no espaço da ponta de um único cabelo. Então, toda a tua função é buda, e todo o buda é a tua função. Um golpe, um grito, uma declaração, um dispositivo — não há clichés aqui. Tudo é selado com realização genuína. É como a pedra filosofal que transforma ferro em ouro. Tudo flui do verdadeiro eu.

Depois de estudares durante muito tempo e criares muitas visões subjetivas e interpretações, isto apenas te torna mais erudito — não é a coisa real. É preciso chegar ao ponto em que, ao parar um, paras todos, e ao compreender um, compreendes todos. É preciso ver este rosto original e alcançar a paisagem deste solo fundamental.

Depois disto, quando ages, tudo surge pronto, e já não depende de esforço mental. Como diz o provérbio: “Quando o vento sopra, as ervas curvam-se.” Embora montanhas, florestas, cidades e aldeias ainda lá estejam, não há dualidade. A isto se chama ser capaz de manter firme e agir como mestre. A balança para pesar a linha vital dos seres sencientes está na tua própria mão, e julga-los conforme as suas mentes.

A isto se chama o Caminho não forjado. Não será esta a mais essencial, absolutamente pacífica e segura, grande libertação?

Aprender Zen

Fundamentalmente, o Caminho é sem palavras, e a Verdade é sem nascimento. Palavras sem palavras são usadas para revelar a Verdade sem nascimento. Não há segunda coisa. Assim que tentas perseguir e agarrar o Caminho sem palavras e a Verdade sem nascimento, já tropeçaste e passaste ao lado.

É por isso que, quando o mestre ancestral do Zen veio do Ocidente, apenas propagou esta coisa. Apenas valorizou a apreensão pessoal fora das palavras e a compreensão direta fora das manobras mentais. Fora aqueles de potencial e capacidade mais elevados, quem poderia recebê-la de imediato?

Se fixaste a tua vontade nisto, não calculas quanto tempo levará a viagem. Ao estabelecer a tua vontade, deves ser independente e absolutamente sério, e conseguir cortar completamente. Com corpo e mente ousados e aguçados, pousa a bagagem e refugia-te junto de um mestre cujas técnicas sejam tão

mortíferas como um cão a morder um javali. Apresenta-lhe de todo o coração o conhecimento e as opiniões que estão colados à tua pele, todas as explicações e teorias acumuladas nos teus estudos anteriores. Esvazia completamente o teu peito, para que o teu egoísmo não se revele e não faças um único gesto — então poderás experienciar a realização que penetra até às profundezas. Não te desvies um milímetro do precedente estabelecido por todos os iluminados desde tempos imemoriais.

Quando conseguires ser assim, ainda precisas de compreender que existe algo chamado estratégia dos mestres transcendentes. Assim, quando os antigos eram questionados sobre budas e transcendência, respondiam: “Não é buda”, ou respondiam: “Provisoriamente chama-se buda.” Por isso, até falar de “ver a verdadeira natureza e tornar-se buda” é uma armadilha para captar a atenção dos aprendizes. Que intenção tinham os antigos quando apontavam para o leste e lhe chamavam oeste?

Deves alcançar uma intimidade nivelada com a Verdade. Uma vez que consigas sustentar isto por ti próprio, podes então ser totalmente livre. Que mais há para falar de realizar o nirvana ou compreender o nascimento e morte — são palavras extra. Ainda assim, isto é apenas eu a falar assim: não deves tomar isto como padrão absoluto, se queres evitar a doença de reificar os conceitos de “buda” e “mestre iluminado”.

Quando pessoas de qualidade planeiam investigar a mente, como podem fixar um limite de tempo rígido? Basta alcançar fé profunda e avançar de forma consistente. É certo que caminharás sobre o solo da realidade se te renovares dia após dia e fores desfazendo as tuas ilusões dia após dia. Regride até ao fundo, e é isto; quando chegas ao ponto em que até isto não está estabelecido, é precisamente aí que se faz o trabalho.